

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

## **AS COMEMORAÇÕES DA INAUGURAÇÃO DO EDIFÍCIO DA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO.**

CARDOSO, Mário

Ano: 1967 | Número: 77

---

### **Como citar este documento:**

CARDOSO, Mário, As Comemorações da Inauguração do Edifício da Sociedade Martins Sarmiento. *Revista de Guimarães*, 77 (1-2) Jan.-Jun. 1967, p. 115-194.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)

URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## As comemorações da inauguração do edifício da Sociedade Martins Sarmiento

---

Terminada a última parte dos trabalhos para a conclusão do edifício da Sociedade Martins Sarmiento, fase da maior actividade que decorreu no decénio 1957-67, durante o qual as obras tomaram o incremento definitivo, mercê da comparticipação do Ministério das Obras Públicas e de valiosos subsídios concedidos pela Fundação Calouste Gulbenkian, que habilitaram a Direcção da prestigiosa Colectividade vimarense a levar a cabo uma empresa tão árdua como esta, iniciada em 1901, e que, muitas vezes interrompida por carência de recursos, só 66 anos volvidos foi possível concluir,—impunha-se comemorar condignamente este acontecimento notável, que marcou uma data merecedora de ficar registada nos fastos da nossa gloriosa Instituição.

Compenetrada deste dever inadiável, a Direcção da Casa Sarmentina, que por um incansável esforço e vontade de bem servir, conseguira dar-lhe a nobre instalação pela qual ela tão longos anos havia esperado — resolveu, para maior brilho e realce da inauguração projectada, convidar Sua Excelência o Chefe do Estado a assistir a esse acto solene e festivo. Com tal finalidade se deslocou propositadamente a Lisboa o Presidente desta Sociedade, e, solicitada a respectiva audiência, apresentou-se no Palácio de Belém, no dia 2 de Junho, acompanhado pelo Ex.<sup>mo</sup> Governador Civil do Distrito de Braga, pelo Ex.<sup>mo</sup> Presidente do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian, pelo Senhor Vice-presidente da Câmara Municipal de

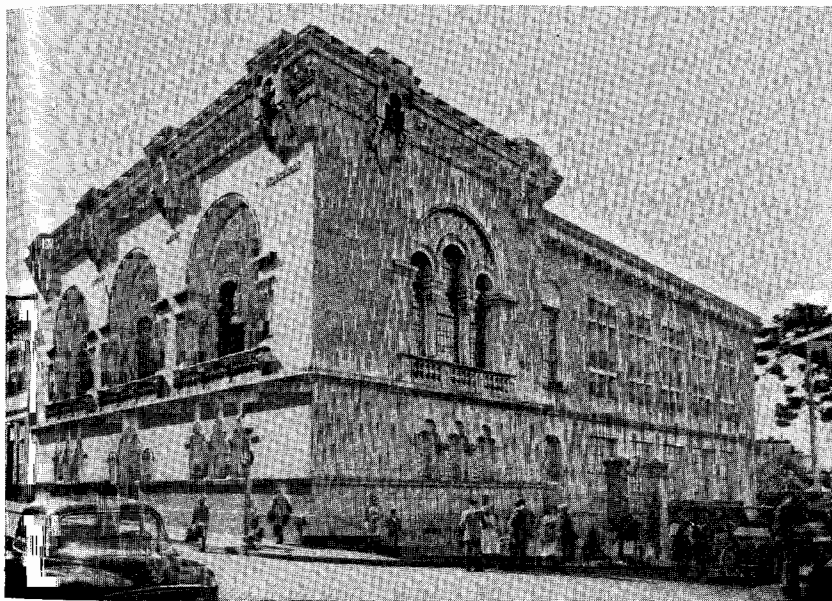
Guimarães e pelo Senhor Deputado da Nação, Engenheiro Duarte do Amaral, sendo esta Comissão recebida por Sua Excelência o Senhor Presidente da República pelas 17 horas desse dia.

Exposto a Sua Excelência o assunto que ali nos levava, logo o Chefe do Estado, amável e generosamente, anuiu ao nosso pedido, ficando, em princípio, assente que a inauguração se realizasse no dia 17 desse mês de Junho, pelas 17 horas, obedecendo a um programa que, em linhas gerais, foi apresentado na ocasião.

Resolvendo porém a Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas Artes que a inauguração das novas instalações de uma outra instituição cultural vimaranense — o Museu de Arte Sacra, de «Alberto Sampaio», cujas obras também há longo tempo estavam em curso — tivesse igualmente lugar no mesmo dia 17 de Junho, e esse Museu reabrisse então ao público, aproveitando a vinda de Sua Excelência o Chefe do Estado a Guimarães a convite da Sociedade Martins Sarmento, — foi pelas entidades competentes estabelecido o seguinte programa definitivo, depois de submetido à aprovação da Secretaria Geral da Presidência da República:

### DIA 17 DE JUNHO

- 11 horas — Reabertura do Museu Regional de «Alberto Sampaio» e visita de Sua Excelência o Chefe do Estado às novas instalações desse Museu.
- 12,30 horas — Visita do Senhor Presidente da República à Igreja de S. Dâmaso, reaberta ao culto no Campo de S. Mamede, frente ao histórico Castelo de Guimarães, para onde fora transferida do seu antigo local por necessidades urbanísticas, e ali reedificada.
- 13 horas — Almoço oferecido ao Chefe do Estado pela Câmara Municipal, na chamada «Varanda de Frei Jerónimo» do secular Mosteiro da Costa, e exibição de danças populares por agrupa-



*O edificio da Sociedade Martins Sarmento após a sua conclusão.*



*A audiência concedida no Palácio de Belém pelo Chefe do Estado à Comissão que o foi convidar para assistir à inauguração das novas instalações da Sociedade Martins Sarmento.*

- mentos folclóricos do Concelho de Guimarães, junto daquele pitoresco local.
- 17 horas — *Inauguração da fase final das obras da Sociedade Martins Sarmiento, com visita às Secções de Arte, Etnografia e Arqueologia do importante Museu desta Instituição, e Sessão Solene no Salão Nobre sob a presidência de Sua Excelência o Senhor Presidente da República.*
- 22 horas — Concerto pela Orquestra de Câmara «Gulbenkian», dirigida pelo Maestro Adrian Sunshine, promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian, em honra de Sua Excelência o Senhor Presidente da República, no Paço dos Duques de Bragança e Guimarães.

Com a realização deste singelo programa festivo, foi proporcionado à cidade de Guimarães um dia memorável, exclusivamente consagrado a invulgaes manifestações de carácter cultural, a que a presença do Chefe do Estado imprimiu um singular prestígio e grande solemnidade. Merecem pois ficar inscritos nas páginas desta Revista, órgão literário da Sociedade Martins Sarmiento, os pormenores das brilhantes comemorações que nesta veneranda Instituição tiveram lugar.

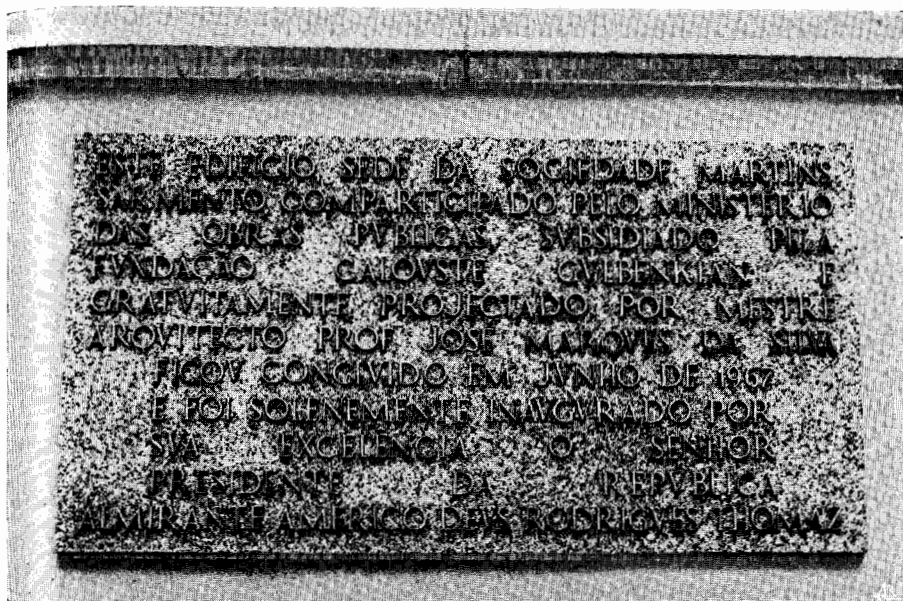
À hora prevista, 5 da tarde, do dia 17 de Junho, chegou Sua Excelência o Senhor Almirante Américo Deus Rodrigues Thomaz à Sociedade Martins Sarmiento, acompanhado de Sua Excelentíssima Esposa, Senhora Dona Gertrudes Rodrigues Thomaz, e da Comitativa presidencial constituída pelo Senhor General Humberto Pais, Chefe da sua Casa Militar, pelo Senhor Dr. Dom Luís Pereira Coutinho, Secretário Geral da Presidência da República e pelo Senhor Capitão Dom Rui Pereira Coutinho, seu Ajudante de Ordens. Acompanhavam-nos também o Senhor Ministro das Obras Públicas, Engenheiro José Machado Vaz, Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Arcebispo Primaz, Dom Francisco Maria da Silva, o Senhor Professor Doutor Alberto Brito, Subsecretário de Estado da Administração Escolar, em representação do Senhor Ministro da Educação

Nacional, o Senhor Professor Doutor António de Arruda Ferrer Correia, em representação do Senhor Presidente do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian, o Senhor Governador Civil do Distrito de Braga, Dr. Francisco Leandro Pessoa Monteiro, o Senhor Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, Eng.º João Mendes Ribeiro, Monsenhor António de Araújo Costa, Dom Prior da Colegiada de Guimarães, e o Senhor Deputado Eng.º Duarte do Amaral.

No átrio da Sociedade era aguardado pelo Presidente da Colectividade e por toda a Direcção, que lhe foi apresentada, bem como por numerosos convidados de honra e pessoas de representação oficial, que já ali se encontravam, como sejam, o Senhor General Comandante da 1.ª Região Militar, Júlio Manuel Pereira, o Senhor Presidente da Junta Distrital, Francisco Pereira Mendes, o Senhor Director Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Eng.º Pereira da Silva, o Senhor Inspector Superior de Belas Artes, Dr. João Manuel Bairrão Oleiro, em representação do Director Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, o Senhor Director dos Serviços de Urbanização do Distrito de Braga, Eng.º Mário Ulisses Valente, em representação do Director Geral dos Serviços de Urbanização, o Senhor Reitor do Liceu de Guimarães, Prof. Dr. Fernando de Carvalho Conceição, o Senhor Director da Escola Industrial e Comercial, Dr. Daniel de Sá, o Meritíssimo Juiz Corregedor do Circulo Judicial de Guimarães, Dr. Manuel do Amaral Aguiar, o Meritíssimo Juiz do 2.º Officio do Tribunal Judicial de Guimarães, Dr. Joaquim Brenha Ordonhos, o Rev. Padre Dr. Celestino Pires, em representação do Magnífico Reitor da Faculdade Pontificia de Filosofia, de Braga, o Senhor Architecto Prof. David Moreira da Silva, o Senhor Eng.º Roberto Charters de Azevedo, Técnico do Serviço de Projectos e Obras da Fundação Calouste Gulbenkian, o Senhor Dr. António Manuel Gonçalves, a representar o Serviço de Belas-Artes, da mesma Fundação, o Senhor Deputado António Santos da Cunha, o Senhor Prof. Dr. Joaquim Rodrigues dos Santos Junior, Catedrático da Universidade do Porto, e muitas outras pessoas de elevada categorial social, Sócios da Sociedade Martins Sarmento, representantes de várias Associações culturais e recreativas vimaranenses,



*Sua Excelência o Senhor Presidente da República acaba de descerrar a lápide  
memorativa da inauguração do edifício.*



*Lápide descerrada por Sua Excelência o Chefe do Estado no Edifício da Sociedade Martins Sarmento, em 17 de Junho de 1967.*

Directores de Escolas e de Colégios de Ensino particular, Comandantes locais da Polícia de Segurança Pública, da Guarda Nacional Republicana e da Legião Portuguesa, Imprensa local e correspondentes dos jornais do Porto e de Lisboa, Professores e estudantes — que tributaram a Sua Excelência o Presidente da República uma calorosa recepção e o aplaudiram com demorada salva de palmas.

Acompanhado pelo Presidente da Sociedade, o Chefe do Estado deu imediatamente início à sua visita às novas instalações, percorrendo a Secção de *Numismática* e os salões do rés-do-chão do edifício, onde se encontram as Secções de *Arte Contemporânea* e de *Etnografia* do Museu, que mereceram a sua melhor atenção, pelo modelar dispositivo e organização perfeita que revelam, demorando-se na observação de alguns dos espécimes de maior valia ou de particular interesse, ali expostos.

Seguidamente, o Senhor Presidente da República, com sua Comitiva, subiu a escadaria nobre do edifício, onde, no primeiro patamar, descerrou uma lápide de granito polido, encastrada na parede e coberta com a bandeira da Cidade de Guimarães, contendo, em letras de bronze, a legenda:

ESTE EDIFÍCIO, SEDE DA SOCIEDADE MARTINS  
SARMENTO, COMPARTICIPADO PELO MINISTÉRIO  
DAS OBRAS PÚBLICAS, SVBSIDIADO PELA  
FVNDACÃO CALOVSTE GVLBENKIAN E  
GRATVITAMENTE PROJECTADO POR MESTRE  
ARQVITECTO PROF. JOSÉ MARQVES DA SILVA  
FICOV CONCLVIDO EM JVNHO DE 1967  
E FOI SOLENEMENTE INAVGVRADO POR  
SVA EXCELÊNCIA O SENHOR  
PRESIDENTE DA REPÚBLICA  
ALMIRANTE AMÉRICO DEVS RODRIGVES THOMAZ

No primeiro piso do grandioso edifício, começou Sua Excelência por visitar a nova e espaçosa Sala de Leitura pública, que contém uma instalação magnífica

e oferece aos seus frequentadores todas as comodidades, conforto e tranquilidade, mesas com luz própria, para a leitura nocturna, tomadas de corrente eléctrica para aquecimento, etc.

Dali passou ao Depósito de livros, anexo à Sala de Leitura, provido de estantes metálicas, onde se alinham cerca de 60.000 volumes, constituindo uma preciosa Biblioteca, invulgar em terras de província, contendo obras de todos os ramos dos conhecimentos humanos, Ciência, Filosofia, História, Arte, Literatura, etc., magnífico instrumento de trabalho intelectual, metódicamente catalogado e diáriamente posto à disposição do público.

Sempre acompanhado pelo Presidente da Sociedade, que lhe ia prestando todos os esclarecimentos, dirigiu-se Sua Excelência ao segundo piso, onde observou, com manifesta curiosidade, a «Sala de Martins Sarmento», contendo recordações do eminente sábio vimezanense, retratos de várias épocas da sua vida, a mesa secretária onde escreveu algumas das suas obras científicas, um quadro contendo as condecorações com que fora agraciado, incluindo a Medalha francesa da Legião de Honra, diplomas académicos, uma estante com manuscritos dos trabalhos inéditos que deixou, etc.

Seguiu, depois, no mesmo piso, para a Sala onde se encontra instalada a Biblioteca erudita que pertenceu ao eminente pré-historiador e etnólogo, e que, por legado seu, transitou integralmente, após a sua morte, para a Sociedade a que dera o seu Nome ilustre.

Sempre vivamente interessado no que lhe ia sendo mostrado, concluiu finalmente o Chefe do Estado a sua visita percorrendo a valiosíssima Secção de *Arqueologia*, onde se encontra instalada, na galeria sobre o belo claustro gótico, dependência do antigo Mosteiro de S. Domingos, do século XIV, a parte das *Indústrias pré- e proto-históricas* (cerâmica, vidros e metais), cujo núcleo fundamental é constituído pelo espólio recolhido por Martins Sarmento nas famosas escavações da Citânia de Briteiros, descendo em seguida ao claustro, onde apreciou a notável colecção de exemplares de *Escultura antiga* e a rica Secção lapidar de *Epigrafia latina*.

O Senhor Almirante Américo Thomaz descansou depois uns momentos na Sala das Sessões da Direcção, onde assinou o Livro dos Visitantes, dirigindo-se em

seguida ao Salão Nobre, para se dar início à Sessão Solene comemorativa da inauguração da Casa Sarmentina, agora completa em todas as suas dependências com o mobiliário e apetrechamento necessários. Acolhido com uma calorosa salva de palmas, deu Sua Excelência entrada no magnífico Salão, que já se encontrava totalmente repleto de uma assistência distinta e selecta, convidada para este acto, onde figuravam numerosas Senhoras de Lisboa, Porto, Braga, Guimarães, etc., destacando-se, entre as que ocupavam a primeira fila de cadeiras, a Esposa do Chefe do Estado, Senhora Dona Gertrudes Rodrigues Thomaz.

Assumindo a Presidência da Mesa de Honra, o Senhor Presidente da República teve à sua direita o Senhor Ministro das Obras Públicas, o Senhor Professor Doutor Ferrer Correia, representando a Fundação Calouste Gulbenkian, o Senhor Governador do Distrito de Braga, e, em cadeira especial, Sua Excelência Reverendíssima o Prelado Bracarense; e, à sua esquerda, o Senhor Professor Doutor Alberto Brito, representando o Senhor Ministro da Educação Nacional, o Senhor Presidente da Câmara Municipal de Guimarães e o Senhor Dom Prior da Colegiada. Em lugares reservados sentaram-se entidades da Comitativa presidencial e convidados de representação oficial.

Em nome do Chefe do Estado, o Presidente da Sociedade Martins Sarmiento declarou aberta a Sessão, após o que mencionou os nomes de muitas personalidades nacionais e estrangeiras que, não tendo podido assistir, enviaram telegramas e cartas de saudação.

Seguidamente o Sr. Manuel Alves de Oliveira, Conservador do Arquivo Municipal e Secretário Geral da Direcção da Sociedade Martins Sarmiento, procedeu à leitura do Auto da Inauguração do Edifício, diploma que passou à mão do Chefe do Estado para ser por ele assinado, pelo Senhor Arcebispo Primaz e pelas restantes entidades que ocupavam a Mesa de Honra.

Pedindo a palavra, o Presidente da Sociedade Martins Sarmiento pronunciou então o seguinte discurso, que na íntegra se transcreve:

Senhor Presidente da República!

Em nome da Direcção desta Colectividade, tenho a honra de apresentar a Vossa Excelência os nossos cum-

primentos de boas-vindas e de manifestar-lhe a nossa profunda gratidão pela cativante deferência que se dignou conceder-nos, aceitando o convite que lhe apresentámos para assistir à inauguração das obras da fase final da conclusão deste edifício em que nos encontramos.

É hoje dia grande nesta Casa! Grande e notável para a Sociedade Martins Sarmento e para a Cidade de Guimarães, que mantém por esta veneranda Instituição a estima e o carinho que ela merece, e um justificado orgulho pelas tradições de Cultura e de benemerência social que a enaltecem.

Evocar, a mais de 80 anos de distância, a fundação e os fundadores desta veneranda Instituição vimaranense julgo ser, neste momento, meu dever como acto de elementar gratidão, e simultâneamente de exaltação e de merecido destaque, neste dia grande para a história da Sociedade Martins Sarmento.

A um acontecimento que no ano de 1880 teve lugar no nosso país está ligada a fundação desta Sociedade. Realizára-se nesse ano, em Lisboa, o IX Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-históricas, muito havendo contribuído para essa honra e preferência dadas a Portugal com tão importante reunião científica a repercussão mundial que, nessa ocasião, alcançara a descoberta pelo eminente geólogo português General Carlos Ribeiro, nos terrenos terciários das bacias do Tejo e do Sado, de alguns rudes fragmentos de sílex, que afirmou serem instrumentos afeiçoados pela mão do homem pré-histórico. Com tal afirmação recuava-se para um passado mais de cem mil anos anterior à nossa época o aparecimento desse hipotético hominídeo, que Mortillet baptizou com o nome de *Homosimius Ribeiroi*, em homenagem ao seu descobridor português. Dar à espécie humana uma tão remota origem era então considerado, para a maioria dos homens de Ciência, quase uma heresia; hoje nenhum pré-historiador tem relutância em aceitar, perante os testemunhos incontroversos que a Ciência vem facultando aos investigadores, que a origem do Homem remonta a uma época talvez mais de um milhão de anos anterior à nossa!

Numerosos congressistas, nacionais e estrangeiros, participantes nesse importante Congresso de 1880, percorreram então o Norte do país, em viagem de estudo,



*O Presidente da Sociedade Martins Sarmento discursando no Salão Nobre, na Sessão Comemorativa da conclusão do edifício.*

*Na Mesa, da esq. para a dir.:* Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Arcebispo Primaz; o Senhor Dr. Francisco Pessoa Monteiro, Governador Civil do Distrito de Braga; Senhor Prof. Dr. António Ferrer Correia, representando o Senhor Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, Prof. Dr. José de Azeredo Perdigão; Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas, Senhor Engenheiro José Machado Vaz; Sua Excelência o Senhor Presidente da República; o Senhor Prof. Dr. Alberto Brito, Subsecretário de Estado da Administração Escolar, representando o Senhor Ministro da Educação Nacional, Prof. Dr. Inocêncio Galvão Telles; o Senhor Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, Eng.<sup>o</sup> João Mendes Ribeiro; o Senhor Dom Prior da Colegiada de Guimarães, Mons. António de Araújo Costa.

visitando no dia 1 de Outubro as escavações que o sábio vimaranense Doutor Francisco Martins Sarmento estava praticando nas famosas ruínas da Citânia de Briteiros. E, perante tão importantes pesquisas e resultados obtidos por Martins Sarmento, foi tal a admiração causada a esses eminentes visitantes estrangeiros, que dentro em pouco tempo corria mundo e espalhava-se nos meios cultos europeus a fama dessas notáveis explorações arqueológicas do erudito vimaranense, pioneiro da investigação científica das nossas remotas antiguidades.

As notícias elogiosas então dadas nos seus países por aqueles visitantes da Citânia acerca da obra científica que Martins Sarmento ali estava a realizar, levaram, nessa ocasião, o Governo francês a agradecer com a Legião de Honra o sábio vimaranense. Esse facto altamente dignificante para o nosso país, deu motivo a um verdadeiro júbilo, como é natural, muito especialmente entre os vimaranenses. Alguns dos mais íntimos amigos de Sarmento logo pensaram em prestar então ao ilustre estudioso uma homenagem condigna, que constituísse forma bem expressiva e duradoura da satisfação que lhes causara a justiça da recompensa moral que a um eminente conterrâneo nosso fôra oficialmente conferida por um Governo estrangeiro.

Ocorreu então a um dos componentes desse grupo de amigos de Sarmento a feliz ideia de que a projectada homenagem se concretizasse na fundação em Guimarães de uma Colectividade a que se desse o Nome de «Martins Sarmento», e que tivesse como principal finalidade a promoção e a expansão da cultura popular neste concelho.

Foi, desde logo, abraçada pelos restantes amigos do erudito investigador essa resolução, que por certo haveria de ser grata ao cientista vimaranense.

Pelo fim do ano de 1881 reuniu-se a Comissão instaladora desta Sociedade para a elaboração dos seus estatutos a enviar à consideração do Governo Civil do Distrito. Em 7 de Janeiro de 1882 eram esses Estatutos superiormente aprovados. Estava reconhecida e autorizada a existência da SOCIEDADE MARTINS SARMENTO.

A primeira Direcção desta Casa ficou constituída pelos sete vimaranenses seguintes: Presidente, o Dr. José da Cunha Sampaio, advogado, irmão do insigne historiador Alberto Sampaio; Vice-presidente, outro advogado

ilustre, o Dr. Avelino da Silva Guimarães; Tesoureiro, o notário António José da Silva Basto; 1.º Secretário, Domingos José Ferreira Júnior; 2.º Secretário, Domingos de Castro Meireles; e mais dois Vogais—o médico Dr. Avelino Germano da Costa Freitas, e Domingos Leite de Castro. A todos a morte já ceifou há muito. Paz à sua alma, honra e gratidão à sua memória e aos seus Nomes.

\*

Senhor Presidente:

Não vou historiar minuciosamente a vida e a notável obra de benemerência e de cultura, cheia de magníficas tradições, desta gloriosa Instituição, durante os 85 anos da sua existência até hoje decorridos. Seria descrição longa, que, embora de interesse, acabaria por cansar o auditório que tem a benevolência de me escutar. Mas é indispensável que, pelo menos a largos traços, eu apresente neste momento um esquema geral do que, em tão extenso decurso de anos, tem sido a ascensão desta Casa de «Martins Sarmento», as dificuldades por que tem passado a sua vida, a persistência que tem sido necessário empregar pelo seu progresso, e, finalmente, as provas da sua incontestável utilidade social.

Como é frequente, e sucede a quase todas as instituições filhas da iniciativa particular, os primeiros problemas que surgiram à Colectividade nascente foram os da falta de recursos suficientes que lhe permitissem, logo de começo, uma vida desafogada. Quase sempre morrem ao nascer estas belas e generosas iniciativas, apoiadas simplesmente num entusiasmo ideal, e alimentadas por uma ilusão manifesta do sentido das realidades. Mas a vida desta Sociedade foi, e tem sido sempre, um verdadeiro milagre de persistência, de devoção e de fé.

De começo, alojou-se provisoriamente a jovem Sociedade na sala de um prédio do Largo do Toural, que por favor lhe cedera de empréstimo o seu proprietário, o comerciante Domingos Martins Fernandes, enquanto não dispusesse de casa própria. É fácil de imaginarmos uma pequena saleta, contendo como único mobiliário talvez uma velha mesa e meia dúzia de cadeiras, alguma delas já desconjuntada, e aqueles sete moços entusiastas,

sonhadores de uma época romântica, sete como os «sábios da Grécia antiga», conforme alguém desdenhosa e irónicamente logo os alcunhou, ali reunidos após o encerramento diário das suas occupações profissionais, architectando planos de acção altruista e projectos revolucionários de transformação social, tantas vezes irrealizáveis, e de combate à indiferença e à rotina.

Mas, a persistência e a fé movem montanhas! A Sociedade, depois dos seus primeiros tempos de uma vida instável e precária, pôde abandonar aquela acanhada saleta onde se alojara, para ir ocupar mais desafogadamente um prédio da Rua de D. João I, que tomara de aluguel ao seu proprietário, o Visconde de Pindela. Essa mudança era imperiosa, tanto mais que, logo em Junho de 1882, a Câmara Municipal havia entregue à Sociedade Martins Sarmento a administração da Biblioteca do Município, mediante a concessão a esta colectividade de um subsídio de 150.000 reis por ano, destinando-se ainda um terço dessa importância à compra de livros. Havia portanto necessidade de uma casa mais ampla do que a saleta do Largo do Toural para a instalação dessa livraria, embora pequena. Até 1885 conservou-se então a Sociedade no prédio que alugara; mas, em Julho do mesmo ano, era intimada pelo senhorio a abandoná-lo.

Nesta precária situação, pensou então a Direcção da Sociedade em adquirir fundos, contraindo um empréstimo bancário para a compra de um terreno e construção de um prédio destinado à sua sede. Mas, esse pesado encargo ainda mais difícil tornaria a existência da instituição. Houve que desistir do propósito da construção do prédio.

Veio, nessa altura — estava-se pelo fim do ano de 1886 — a Câmara Municipal ajudar a Sociedade a resolver este grave problema da sua instalação, autorizando que ela occupasse, embora a título provisório, algumas das dependências devolutas do extinto mosteiro de S. Domingos, situadas neste mesmo local onde se encontra o belo edificio cujas modernas e definitivas instalações inauguramos hoje. Sancionando e tornando efectiva essa autorização camarária, o Governo concedeu à Sociedade Martins Sarmento, por Decreto de 7 de Março de 1888, a posse desse velho convento, com todos os

seus anexos, incluindo o formoso claustro gótico, do século XIV, hoje considerado «Monumento Nacional», onde actualmente temos instalada a Secção de Escultura antiga e de Epigrafia latina do nosso Museu de Arqueologia.

Mas, esse antigo casarão conventual encontrava-se em deplorável estado de conservação, carecendo portanto de grandes obras para a sua conveniente adaptação à nova finalidade. A pouco e pouco foi a Sociedade realizando as reparações mais urgentes, conforme as limitadas possibilidades do seu magro orçamento lho permitiam; até que, por volta do ano de 1890, novamente a Direcção voltou a encarar a tentativa da construção de um novo edificio. Entretanto, Martins Sarmento mandou construir, à sua custa, sobre a arcaria do claustro, uma galeria coberta para aí instalar os numerosos objectos das suas colecções arqueológicas, copiosos materiais que resolveu confiar à guarda da Instuição, e que eram o abundante espólio das escavações e prospecções que havia realizado não só na Citânia de Briteiros e no Castro de Sabroso, como em muitos lugares de uma larga zona do litoral minhoto, desde o Rio Minho ao Douro. E, em 9 de Março de 1895, data do aniversário natalício de Martins Sarmento, a Sociedade inaugurava já o seu Museu Arqueológico, actualmente um dos mais antigos do país e dos mais ricos e valiosos, pelas colecções de antiguidades que ali se guardam.

Persistindo na resolução de construir um edificio próprio, a Direcção da Sociedade pediu então ao insigne Mestre-arquitecto, Professor José Marques da Silva, para elaborar o projecto da construção do sonhado prédio da sua sede social. Apresentado em breve pelo Artista um magnífico desenho, pelo qual, num rasgo de benemerência, nenhuma remuneração quis aceitar, a Colectividade meteu corajosamente mãos à obra, começando em 1901 pela fachada nobre e por este salão onde nos encontramos. Teve lugar este grande acontecimento da vida da Sociedade precisamente há 66 anos, que tantos contou a lenta construção deste edificio, nessa ocasião iniciado, e que só hoje é definitivamente inaugurado!

Os trabalhos foram-se arrastando, aos poucos, até que dentro em breve tempo era forçosa a sua suspensão, esgotado o pecúlio monetário de que a

Sociedade dispunha, apesar de a Câmara Municipal ter concedido, um pouco antes, um subsídio de 400 mil reis, que, nesse tempo, representavam quantia apreciável, e de o Ministério das Obras Públicas, cuja Pasta estava então entregue ao Conde de Paçô Vieira, ter votado, em 1903, a verba de quatro contos para estas obras, a que, alguns anos mais tarde, os vimaranenses começaram a chamar «obras de Santa Engrácia». Felizmente, chegaram à sua conclusão, e quase ao mesmo tempo, tanto as obras da bela Igreja de Santa Engrácia, como as desta prestigiosa Sociedade.

Em 1899 havia falecido Martins Sarmento e, nas suas disposições testamentárias, legara à Sociedade, além da sua casa residencial, do Largo do Carmo (que aliás só à morte de outros herdeiros ficaria pertencendo à Instituição), da sua preciosa biblioteca erudita e das notáveis colecções arqueológicas que já quatro anos antes lhe havia entregue—uma propriedade rústica, em Briteiros.

Na posse desta propriedade, resolveu a Direcção em 1905 hipotecá-la ao Banco de Portugal e levantar por esse meio a importância necessária à continuação das obras. Pouco depois fazia também a Sociedade uma emissão de 100 títulos de 50.000 reis cada um, amortizáveis em 20 anos, que, num acto de desinteressada benemerência, foram todos tomados pelo falecido industrial vimaranense e sócio da Colectividade, António da Costa Guimarães. E, em 9 de Março de 1907, inaugurava-se este salão nobre! A obra da fachada, ostentando ricas cantarias e decorações de pintura a fresco pelo falecido Artista vimaranense Abel Cardozo, nosso consócio honorário, bem como a construção deste salão, custara tudo, há 60 anos, a quantia de 11 contos, que na hora actual nos parece insignificante em relação ao vulto dos trabalhos com ela realizados!

A Sociedade conseguira construir esta parte do edificio e saldar as suas dívidas, mas... ficara exausta. E, daí por deante, os trabalhos pararam por completo durante 28 anos consecutivos!

Foram, como se pode calcular, inúmeras as vicissitudes, esperanças e desalentos por que passou a vida económica desta Casa, durante os dois primeiros terços da sua existência, decorridos desde 1882, ano da sua fundação, até 1936, como vamos ver.

Em 1932 foi-nos entregue a presidência da Direcção desta Sociedade a que tínhamos a honra de pertencer, na qualidade de sócio efectivo, desde o ano de 1921.

A responsabilidade que fomos obrigados a tomar da administração desta Colectividade, na precária situação económica em que nos foi confiada, constituía um pesado encargo! Responsabilidade material, e grande também sob o aspecto cultural, porque estávamos então apenas a um ano de distância para a comemoração do centenário do nascimento de Martins Sarmento, que teria lugar em 1933, data que era necessário solenizar imprimindo-lhe a dignidade e o relevo que eram devidos a uma Figura nacional do mais alto nível e prestígio científico, e que alcançara um renome europeu. Felizmente, e contra a tímida expectativa de alguns, essa comemoração decorreu com todo o brilho e elevação, sendo então inaugurado numa praça pública da cidade o monumento a Martins Sarmento.

Logo no ano imediato, resolvemos tentar a continuação das obras do edifício, suspensas, como dissemos, havia quase três décadas. À excepção da fachada e deste salão, todo o restante edifício era uma deficiente adaptação do velho mosteiro. O recheio valioso que nesta Casa se abrigava, quer em livraria quer em objectos arrecadados no Museu, estava à mercê de um incêndio ou de qualquer outro perigo de destruição irreparável. Era indispensável concluir o edifício começado em 1901, se queríamos salvar a Sociedade de poder desaparecer, de um momento para outro, convertida em cinzas. Estudada a obra que ainda faltava realizar, subiu já então o seu orçamento a 560 contos, importância avultada, que estava bem longe dos nossos modestos orçamentos da época da chamada «vida barata», de outros tempos. Em face de tão elevada despesa, nada poderíamos fazer sem uma substancial comparticipação do Estado. Pediu-se então superiormente essa comparticipação, em Dezembro de 1935.

O pedido obteve deferimento em começos de 1936, durante a gerência da Pasta das Obras Públicas pelo Ministro Eng.º Duarte Pacheco, e posteriormente, sendo Ministro o Eng.º José Frederico Ulrich, pudemos dar à continuação da edifício algum incremento. Entretanto, a Câmara Municipal concedia-nos, por uma só vez,

um pequeno subsídio extraordinário. Com essa achega e com as possibilidades da própria Instituição, nessa altura dispondo já dos bens que, por sua vez, lhe legara a Viúva de Martins Sarmento, falecida em 1929, não esquecendo também a benemerência dos Arquitectos nossos consócios honorários, Snr. Prof. David Moreira da Silva e sua Esposa, os quais, falecido José Marques da Silva em 1947, continuaram então, a exemplo deste, dirigindo gratuitamente as obras — conseguimos chegar ao ano de 1954 com a ala norte do edificio concluída e seus respectivos salões, após diversos períodos, mais ou menos longos, de continuação ou de suspensão das obras, na medida em que o dinheiro existia ou faltava.

Em 1957, requeremos a Sua Excelência o Ministro Senhor Prof. Engenheiro Eduardo de Arantes e Oliveira a continuação das comparticipações, visto que as obras se encontravam de novo suspensas havia já três anos, por falta de verba. E ao Senhor Dr. José de Azeredo Perdigão, Presidente do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian, pedimos igualmente um subsídio que assegurasse a nossa quota parte na despesa da comparticipação com o Estado. Deferida, generosa e intelgentemente, por estas duas entidades a nossa petição, ficou desde então definitivamente assegurada a verba necessária para a conclusão das obras. Aproximava-se, finalmente, o termo deste esforço, que sem desânimo sustentáramos e com determinação e esperança conseguimos vencer. Este edificio, na conclusão do qual se despenderam cerca de 3.500 contos, ficará como o mais grandioso e mais belo monumento erguido à memória de MARTINS SARMENTO.

\*

Historiadas estas realizações materiais permita Vossa Excelência, Senhor Presidente, que eu diga um pouco, agora, da obra social e cultural desta Instituição, que plenamente justifica este grande esforço e dispêndio de energias e dinheiro.

Pouco tempo após a fundação desta Colectividade, foram por ela, desde logo, criadas aulas livres e gratuitas de língua francesa, portuguesa, labores, música e desenho para alunos que quisessem inscrever-se, e sem remuneração

alguma aos professores. Do curso de desenho elementar, útil sem dúvida numa terra acentuadamente industrial, incumbiu-se meu falecido Pai, o Pintor de Arte António Augusto da Silva Cardozo, sócio honorário da Instituição e primeiro Professor de Desenho da nossa Escola Industrial. Tão acentuado prestígio adquiriu em breve a jovem Sociedade Martins Sarmento com estas iniciativas de auxílio ao desenvolvimento da instrução popular, que logo em 1887, apenas cinco anos após a sua fundação, ela era visitada e elogiada por El-rei D. Luís I e pela Rainha Dona Maria Pia de Sabóia, acompanhados pelo Duque do Porto, D. Afonso, e pelo Príncipe D. Carlos. Quatro anos mais tarde foi visitada novamente por D. Carlos, então já o malogrado Rei de Portugal, e em 1901 por seu inditoso Filho D. Luís Filipe; em 1908, aqui entrou também D. Manuel II; depois, o Presidente Sidónio Pais; em 1929 o Marechal Carmona; em 1953, o Presidente Craveiro Lopes; e agora quis também Vossa Excelência, Senhor Presidente, dar-nos a subida honra de entrar nesta Colectividade.

*(Muitas palmas da assistência ao Senhor Presidente).*

Verifica-se deste modo que o prestígio da Instituição se tem mantido sempre inalterável, através das inconstâncias do tempo e da fortuna, e que ela continua a merecer a atenção e o estímulo dos altos Poderes do Estado, tendo até hoje sido louvada em Portarias de 1882, 1901 e 1940, considerada oficialmente «Instituição de Utilidade Pública» em 1926, e condecorada com a Ordem de Santiago em 1931.

Pelo seu esforço e colaboração, tem esta Sociedade contribuído para a criação de várias escolas do Ensino primário, como contribuiu para a criação da nossa Escola Industrial e do nosso Liceu, para a fundação do Museu de «Alberto Sampaio», cujos valiosos espécimes de Arte Sacra estiveram longo tempo entregues à guarda e responsabilidade desta Casa, quando da Separação da Igreja e do Estado e antes da criação do actual Museu, do contrário todo esse preciosíssimo recheio, pertença de Guimarães, teria certamente sido incorporado noutro museu do país. Iguualmente, nessa altura, foi provisoriamente entregue à responsabilidade da Sociedade Martins Sarmento o que restava do Arquivo da «Insigne e Real Colegiada»

desta Cidade, corporação eclesiástica das mais nobres e remotas tradições, ligada à História vimaranense. Com esses restantes documentos do velho Arquivo foi mais tarde criado o actual Arquivo Municipal de Guimarães. E disse «restantes documentos» porque o fundo principal deste Arquivo, que era magnífico quando intacto, foi infelizmente daqui retirado para a Torre do Tombo em 1862, numa totalidade de 4.203 diplomas, datados desde o século X ao século XVI, todos relacionados com a História de Guimarães, que o mesmo é dizer com a História de Portugal, e que constituíam os nossos mais antigos pergaminhos. Justo seria que regressassem ao nosso Arquivo Municipal.

Finalmente, à iniciativa desta Sociedade se ficou também a dever a esplêndida Exposição Industrial Concelhia, realizada em 1884 no Palacete de Vila Flor, a primeira deste género que teve lugar no país, e que foi uma revelação da nossa capacidade como centro de actividade fabril, alcançando então merecida fama as indústrias locais. Tem sido, em resumo, sumamente meritória a colaboração desta Colectividade no desenvolvimento e progresso de Guimarães.

\*

Se aludirmos agora à acção exclusivamente cultural, podemos citar, por exemplo, as numerosas Conferências públicas que aqui tem sido realizadas, às quais ficaram ligados os Nomes de muitos escritores ilustres pertencentes ao escol dos nossos mais altos valores intelectuais e de muitos cientistas de renome internacional.

No campo da actividade publicitária possui esta Sociedade, como seu órgão cultural, a conhecida «Revista de Guimarães», uma das mais antigas do país, fundada em 1884, cuja série conta já hoje 76 volumes, e é principalmente consagrada aos estudos arqueológicos, históricos e etnográficos, publicação que nos últimos anos, em particular a partir de 1946, adquiriu categoria de Revista de carácter internacional, mediante colaboração escolhida de grandes cientistas e professores nacionais e estrangeiros de renome mundial.

Publicou-se um *Guia* ilustrado, para os visitantes da estação arqueológica da Citânia de Briteiros, com texto

em português e resumos em francês, inglês e alemão, que já conta cinco edições, patrocinadas pela Câmara Municipal, pelo Instituto de Alta Cultura e pela Junta Distrital. Em 1933, publicaram-se os volumes *Homenagem a Martins Sarmiento* e a Colectânea dos *Dispersos* do sábio vimaranense; em 1935, o *Catálogo* da Secção de Epigrafia latina e de Escultura antiga, do Museu; em 1936 e 1941 os *Catálogos*, reeditados no corrente ano, das Secções de Arte contemporânea e de Etnografia, tendo concorrido para a fundação da primeira destas duas Secções o nosso falecido consócio honorário Artista-Pintor Abel Cardozo; ainda em 1941 publicamos as *Cartas* do grande historiador vimaranense Alberto Sampaio; em 1940 o Volume Especial da *Revista de Guimarães* comemorativo dos Centenários da Fundação e da Restauração de Portugal; em 1947, a *Correspondência* científica trocada entre o epigrafista germânico Emílio Hübner e Martins Sarmiento; em 1954, a expensas da Câmara Municipal, o *Livro de Ouro da Cidade de Guimarães*, edição comemorativa do milenário da existência histórica da nossa terra; e em 1958, as *Cartas* do Professor Leite de Vasconcelos a Martins Sarmiento, publicação que celebrou o centenário do nascimento do sábio fundador do Museu Etnológico de Lisboa.

Na Citânia de Briteiros recommçaram em 1928 as explorações arqueológicas, ali interrompidas desde que Sarmiento cessou as suas prospecções, por volta do ano de 1885. Posteriormente praticaram-se, até hoje, naquelas famosas ruínas trinta campanhas de exploração, com subsídios da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Em 1930 foi, a pedido nosso, mandada construir pelo Ministério das Obras Públicas e Comunicações a estrada de Briteiros à Citânia, e d'ali a Braga, a entroncar com a estrada do Sameiro. Um pouco mais tarde, foi também aberta a estrada que vai da estância termal das Caldas das Taipas ao Castro de Sabroso, estação arqueológica igualmente explorada por Martins Sarmiento.

Faltava na Citânia um guarda que protegesse as ruínas dos frequentes vandalismos que a gente inculta ali praticava. Construiu-se então, também com subsídio da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, uma casa própria para o guarda, que ali se fixou a partir de 1934.

No nosso Museu reorganizou-se e modernizou-se, tanto quanto possível, o dispositivo e mobiliário da Secção de Arqueologia, e finalmente, agora, com a intervenção do Ministério das Obras Públicas e da Fundação Gulbenkian, deu-se disposição definitiva às Secções de Arte e de Etnografia.

\*

Senhor Presidente da República!

Terminei esta espécie de relatório, que neste momento se me afigurou necessário dar a conhecer, da vida, actividades e utilidade social desta prestimosa Instituição, autarquia local que julgo não ter paridade em qualquer outra terra de província do nosso país. Perdoe-me Vossa Excelência se fui demasiado extenso, mas não consegui resumir em menos palavras a já longa história desta Colectividade.

Sirvo esta Casa há 46 anos. Pediram-me, em 1925, para fazer parte da Direcção, e elegeram-me, como disse, em 1932 para a presidência da mesma. Encargo este cansativo, que só por devoção e boa vontade de servir se aceita, e que, me tem dado muitas horas de preocupações e cuidados, se bem que, por sua vez, bastantes de satisfação e de alegria, ajudado pelos meus companheiros de trabalho na Direcção da Colectividade. Chegamos, graças a Deus, ao termo da empresa a que nos havíamos aventurado de dar instalação condigna a esta Casa. E é sempre grato atingir o fim de um trabalho, que se nos antevia longo e difícil de realizar. É tempo, agora, de entregar o cargo que tenho exercido nesta Sociedade a quem melhor do que eu o possa ocupar. Por outro lado, é forçoso darmos lugar aos novos, pois se alguém disse que «as gerações moças são mais propensas a discutir do que a construir», também é certo que os tempos mudaram, e a formação espiritual das gerações mais antigas está sendo ultrapassada por novas descobertas da Ciência, novas concepções da Arte, novas correntes do pensamento, novas orientações do mundo moderno.

O meu único desejo é que o sucessor, que nesta Casa me venha substituir, possa realizar e acentuar, cada vez mais e melhor, o progresso desta Instituição, em todos os sectores da sua actividade, mantendo-a sempre isenta de dissensões e desinteligências de carácter político ou ideológico, e consagrando-a apenas ao serviço da Ciência, da Cultura e da educação do povo.

Resta-me, Senhor Presidente, mencionar aqui, como é justo, os nomes das pessoas, que puseram todo o seu empenho e boa vontade em prestar-nos inestimáveis serviços de colaboração activa, durante esta última fase da conclusão do belo edifício da nossa sede, e a todos manifestar publicamente o profundo agradecimento da Direcção da Sociedade.

Seja-me permitido que de entre essas pessoas eu destaque, em primeiro lugar, os nomes do Senhor Engenheiro Eduardo de Arantes e Oliveira e do Senhor Doutor José de Azeredo Perdigão. O primeiro, nosso consócio honorário, antigo Ministro das Obras Públicas e actual Presidente do Conselho Superior do Fomento Ultramarino, não pôde, infelizmente, dar-nos o grande prazer de aqui estar hoje, junto de nós, por motivo da sua viagem ao Ultramar, precisamente nesta altura. Por uma ocasional falta de saúde (que Deus permita não seja de gravidade) também não pôde o Senhor Doutor Azeredo Perdigão, igualmente nosso consócio honorário, vir a esta inauguração. Mas, se por circunstâncias imprevistas não nos foi dada a honra e a satisfação de os termos aqui, em presença, têmo-los ao menos em espírito e em effigie: rogo a Vossa Excelência, Senhor Presidente, o favor de se dignar descerrar os retratos desses dois nossos consócios honorários e grandes beneméritos desta Casa, que aqui estão sob as côres da bandeira da nossa Colectividade.

*(Sua Excelência o Senhor Presidente da República levantou-se do seu lugar e descobriu os dois retratos, acto que foi acolhido com uma vibrante salva de palmas).*

Além dos nomes destes bons amigos da Sociedade Martins Sarmento, cumpro ainda o grato dever de citar, neste momento, os de outras pessoas que de algum modo prestaram serviços relevantes à Instituição nesta última fase decisiva da conclusão do nosso edifício:



*Retrato a óleo do Sócio Honorário da Sociedade Martins Sarmento, Senhor Engenheiro Professor Eduardo de Arantes e Oliveira, inaugurado em 17 de Junho de 1967.*

(Tomás Pelayo pinxit)



*Retrato à óleo do Sócio Honorário da Sociedade Martins Sarmento, Senhor Professor Doutor José de Azeredo Perdigão, inaugurado em 17 de Junho de 1967.*

(Guilherme Filipe pinxit)

foram elas os nossos sócios honorários Snrs. Architectos Professor David Moreira da Silva e sua Mulher Ex.<sup>ma</sup> Senhora Dona Maria José Marques Moreira da Silva, que à execução e direcção destas obras deram sempre, generosa e gratuitamente, todo o seu esforço e boa vontade, canseiras sem conta, trabalhos constantes e até despesa pessoal com numerosas plantas e desenhos;

*(a assistência premiou com palmas os dois homenageados presentes)*

é-nos grato citar também o Senhor Governador Civil do Distrito, Doutor Francisco Pessoa Monteiro, que tantas atenções e deferências tem sempre dispensado a esta Instituição; o Sr. Presidente da Junta Distrital, Francisco Pereira Mendes; o ilustre vimaranense, Deputado Snr. Engenheiro Duarte do Amaral, que muito se interessou e acompanhou sempre com carinho as realizações desta Sociedade, e que presentemente colaborou com a maior diligência na festa que hoje aqui realizamos: os ex-presidentes da Câmara Municipal de Guimarães, Snrs. Dr. Augusto Cunha, João Rodrigues Martins da Costa e Dr. Castro Ferreira, que auxiliaram a Instituição votando subsídios eventuais para a conclusão do edificio, e ainda o actual presidente Sr. Engenheiro João Mendes Ribeiro, que ultimamente aumentou o subsídio camarário anual concedido à nossa Sociedade; o Sr. Engenheiro Manuel de Sá e Melo, ex-Director Geral dos Serviços de Urbanização, que também a estas obras dedicou sempre o seu melhor patrocínio; o Sr. Engenheiro Matos Cardoso, dos Serviços de Urbanização de Coimbra, autor do projecto da obra de betão armado deste grande edificio; o Sr. Engenheiro Mário Ulisses Valente, Director dos Serviços de Urbanização do Distrito de Braga e o Adjunto do anterior Director, Sr. Engenheiro Joaquim Duarte Carrilho, que prestaram sempre a melhor e a mais cuidadosa assistência ao curso dos trabalhos e sua perfeita execução; os Snrs. Architectos Baltazar de Castro e Rogério Azevedo, que por vezes intervieram também no andamento dos trabalhos; o Sr. Engenheiro Guimarães Lobato, Director do Serviço de Projectos e Obras da Fundação Calouste Gulbenkian e o Sr. Engenheiro Técnico do mesmo Serviço, Roberto Charters de Azevedo, que procuraram sempre facili-

tar-nos o rápido desenvolvimento dos trabalhos subsidiados por aquela Fundação. Poderíamos, em suma, citar ainda muitas outras pessoas, que não tendo aliás interferido directamente no acabamento das obras deste edificio, nos deram sempre o seu aplauso e franco apoio moral. A todos, o profundo agradecimento da Direcção a que tenho a honra de presidir.

As ilustres entidades aqui presentes, Senhor Ministro das Obras Públicas, Senhor representante do Ex.<sup>mo</sup> Ministro da Educação Nacional, Ex.<sup>mo</sup> e Reverendíssimo Senhor Arcebispo Primaz, Senhor General Comandante da 1.<sup>a</sup> Região Militar, Senhor General Humberto Pais, Senhor Dr. D. Luís Pereira Coutinho, ilustre Secretário Geral da Presidência da República, Senhor D. Prior da Colegiada, Mons. Araújo Costa, e restantes pessoas representativas, civis, eclesiásticas e militares, que nos deram a subida honra da aceitação do nosso convite, bem como à distinta assistência a esta Sessão, Senhoras e Senhores, a respeitosa expressão do nosso melhor agradecimento.

A Vossa Excelência, Senhor Presidente da República, desejo manifestar, mais uma vez, a nossa maior gratidão, pelo alto significado e brilho que a presença do eminente Chefe do Estado veio dar a esta comemoração.

Finalmente, tenho a honra, neste momento tão grato para a nossa Colectividade, de entregar a Vossa Excelência, Senhor Presidente, o Diploma em que, com prévio consentimento de Vossa Excelência, o consideramos desde hoje Sócio Honorário desta Casa de MARTINS SARMENTO.

Tenho dito.

*(Vibrantes palmas da assistência a esta homenagem prestada ao Chefe do Estado).*

O Excelentíssimo Presidente da Mesa, Senhor Almirante Américo Thomaz, concedeu em seguida a palavra ao Professor Senhor Doutor Ferrer Correia, que, em nome da Fundação Calouste Gulbenkian, disse:



*O Senhor Prof. Doutor António de Arruda Ferrer Correia  
pronunciando a sua alocução.*

Senhor Presidente da República,  
 Excelências,  
 Excelência Reverendíssima,  
 Minhas Senhoras e meus Senhores:

Não estaria decerto indicado que eu viesse aqui prender longamente a atenção de VV. Ex.<sup>cias</sup>. Limitar-me-ei, por isso, a dizer umas breves palavras que, no meu entender, as circunstâncias do caso requerem.

A primeira será para respeitosamente saudar, como Administrador da Fundação Calouste Gulbenkian e também em meu nome pessoal, Sua Excelência o Chefe do Estado, para me congratular com a sua presença aqui e com a honra que deste facto nos advém, e para lhe testemunhar o nosso reconhecimento por mais esta demonstração, entre tantas outras, todas inequívocas, do apreço em que Sua Excelência tem a obra da Fundação Gulbenkian.

Venho agora, Sr. Presidente da Sociedade Martins Sarmiento, neste dia de júbilo para a prestigiosa Instituição que V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> dirige, como para a própria cidade de Guimarães, regozijar-me, com todos os vimaranenses, pelo facto de o edificio central da Sociedade, cujas obras foram iniciadas há mais de 60 anos, se achar finalmente concluído.

V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> teve a gentileza de sublinhar a importância do contributo, na verdade muitíssimo substancial, da Fundação Calouste Gulbenkian para este empreendimento, e de publicamente lhe manifestar, por isso, o reconhecimento da Sociedade; mas, eu pergunto: — como poderia a Fundação Gulbenkian, Instituição de beneficência, mas acima de tudo Instituição de Educação e Cultura, desinteressar-se dos problemas de uma agremiação como esta, que precisamente à causa da Cultura se tem dedicado com acção constante e de resultados tão excelentes?

O auxilio prestado à Sociedade Martins Sarmiento, incide aliás num vasto plano educativo e cultural que a Fundação Gulbenkian traçou, logo de início, e que tem vindo a executar sem desfalecimento.

Aí temos as nossas bibliotecas itinerantes que cruzam hoje o país em todos os sentidos, de Norte a Sul, do mar às raias de Espanha, levadas, como digo, onde quer que exista uma sede de instrução. De resto a acção destas bibliotecas móveis, como todos sabem, é completada e integrada pelas muitas dezenas de bibliotecas fixas espalhadas por todo o território do país.

Aí estão as nossas bolsas e subsídios dentro do que larga e generosamente tem concedido a Fundação Gulbenkian! O que é preciso é que a cada jovem seja dada a oportunidade de se instruir ao nível correspondente às suas reais capacidades.

Aí estão também as nossas edições de manuais universitários, textos clássicos e outras obras, sem esquecer uma série especialmente dedicada à Cultura portuguesa.

Aí está o interesse que se tem votado à formação cultural humana dos jovens universitários, escol intelectual de amanhã em que todos queremos ver a promessa duma sociedade melhor, e o apoio ao Estado na investigação científica, e a obra já realizada no campo da Música e das Artes plásticas. Mas não tem por certo menor interesse o que há anos se vem fazendo no sentido de estimular a revitalização, quando não a própria criação de centros culturais regionais.

Foi ontem, a Casa Museu de Abel Salazar e a Casa Museu de Almeida Moreira; a Casa de Júlio Dantas em Lagos e a de José Régio em Portalegre; será em breve a Biblioteca-Museu da Figueira da Foz, e tantas outras realizações, umas, por ora em estudo, outras já em fase de execução.

O centro cultural a que este edifício se encontra afectado, constituirá, de futuro, um dos elos mais significativos de tal cadeia; disso nos dá penhor a vasta obra realizada ao longo de tantos decénios pela Sociedade Martins Sarmento, a avaliar pelos trabalhos arqueológicos levados a cabo sobre a sua égide, pela riqueza das suas colecções arqueológica e etnográfica, pelo valor da sua Biblioteca e pelas suas honrosas tradições de impulsora da instrução e da cultura populares.

Senhor Presidente da República: estou certo de que na rede por ora incompleta de centros regionais de cultura cujo lançamento, como disse, a Fundação Calouste



*O Senhor Presidente da República no uso da palavra.*

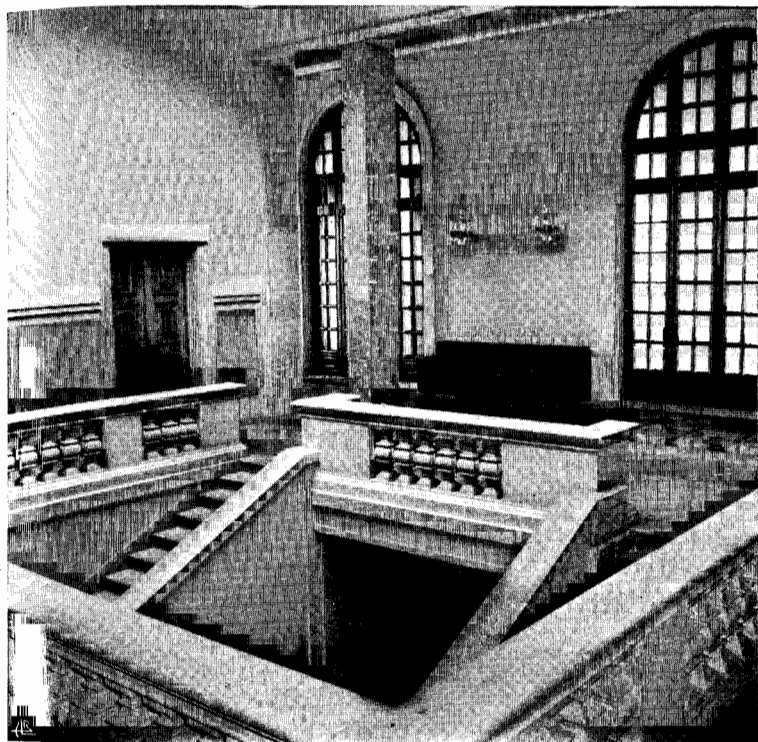
Gulbenkian se vem esforçando por estimular, este, da ilustre Sociedade Martins Sarmiento, é um dos mais destacados. Possa ela no futuro desenvolver ainda mais a sua acção a bem dos povos desta terra.

Tenho dito.

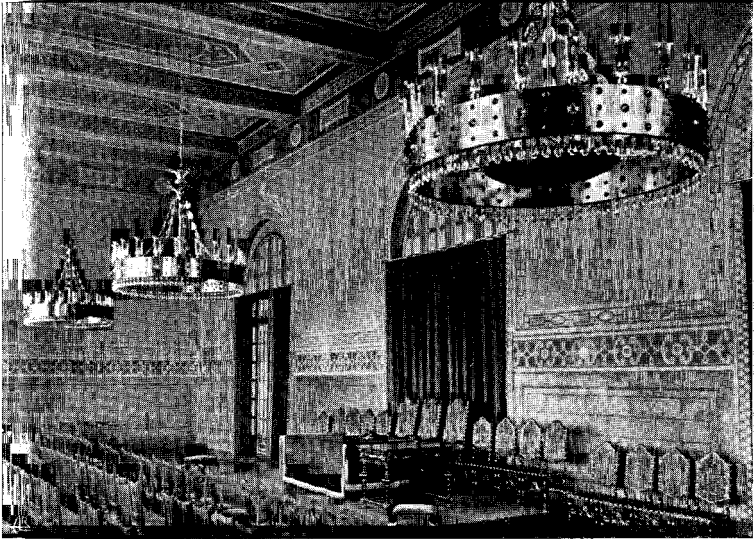
Finalmente, encerrando a Sessão, o Chefe do Estado levantou-se e pronunciou, de improviso, as singelas mas expressivas palavras que temos a honra de deixar registadas nestas páginas, e ficam constituindo um documento do maior interesse para a história da prestigiosa Sociedade Martins Sarmiento.

*Apenas duas palavras para me congratular com o bom termo das obras realizadas nesta Casa. Fez a Sociedade Martins Sarmiento 85 anos de existência, e fez a sua história, a história de todas as suas vicissitudes, o seu ilustre Presidente, Senhor Coronel Mário Cardozo. Tem, portanto, sido atribulada a vida desta Sociedade. Mas, ao cabo de muitos anos, talvez demasiados anos, ela vê realizado o seu desejo de sempre: ter uma sede que seja digna do Nome do Homem que deu lugar à sua fundação. Na verdade, Martins Sarmiento, se vivo fôsse, teria hoje uma grande alegria ao ver a Sociedade com o seu Nome condignamente instalada. É certo que foram 66 anos de obras, mas ela tinha um bom Patrono e não se deixou intimidar nem vencer pelo tempo: ao cabo de 66 anos realizou-se o sonho. Foi, como ouvi dizer ao Senhor Coronel Mário Car-*

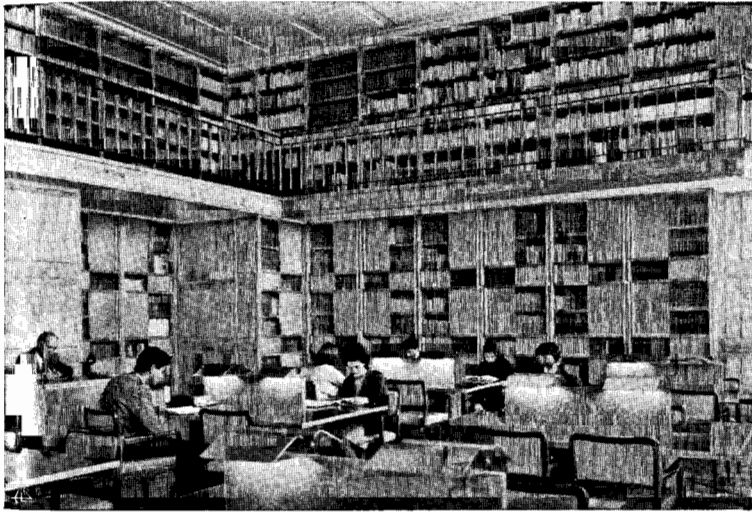
doço, mais uma «obra de Santa Engrácia» que acabou. Pois é natural que o desejo de todos os presentes seja o de verem terminadas todas as obras que ficaram a ser conhecidas pelo nome daquela que tanto tempo levou a deixar de ser uma «obra de Santa Engrácia.» Para que nesta Sociedade desaparecesse esse epíteto, foi necessário que, nos últimos anos, o Ministério das Obras Públicas e a Fundação Calouste Gulbenkian dessem o seu precioso e valioso auxílio à ultimateção dos trabalhos da sua sede. É verdade, diz o povo, que aquilo que termina em bem não tem história, mas, se os ditados do povo têm quase sempre razão de ser, a verdade é que não podemos esquecer a história desses 66 anos, embora ela tivesse sido bem e bem focada nas palavras de V. Ex.<sup>a</sup>, Senhor Presidente, ao mostrar que todos os componentes desta Sociedade, apesar dos seus fracos recursos materiais, tiveram sempre os recursos morais e espirituais que prevaleceram sobre aqueles. Foi por isso que puderam esperar pelo auxílio do Estado e pelo auxílio da Fundação Calouste Gulbenkian. Só me resta fazer um voto: é que esta Sociedade, que tão bem soube vencer as vicissitudes de longas dezenas de anos, possa prosseguir com redobrada utilidade a missão grande e alta que tem desempenhado, não apenas nesta terra, mas, através dela, em todo o País.



*Escadaria principal.*



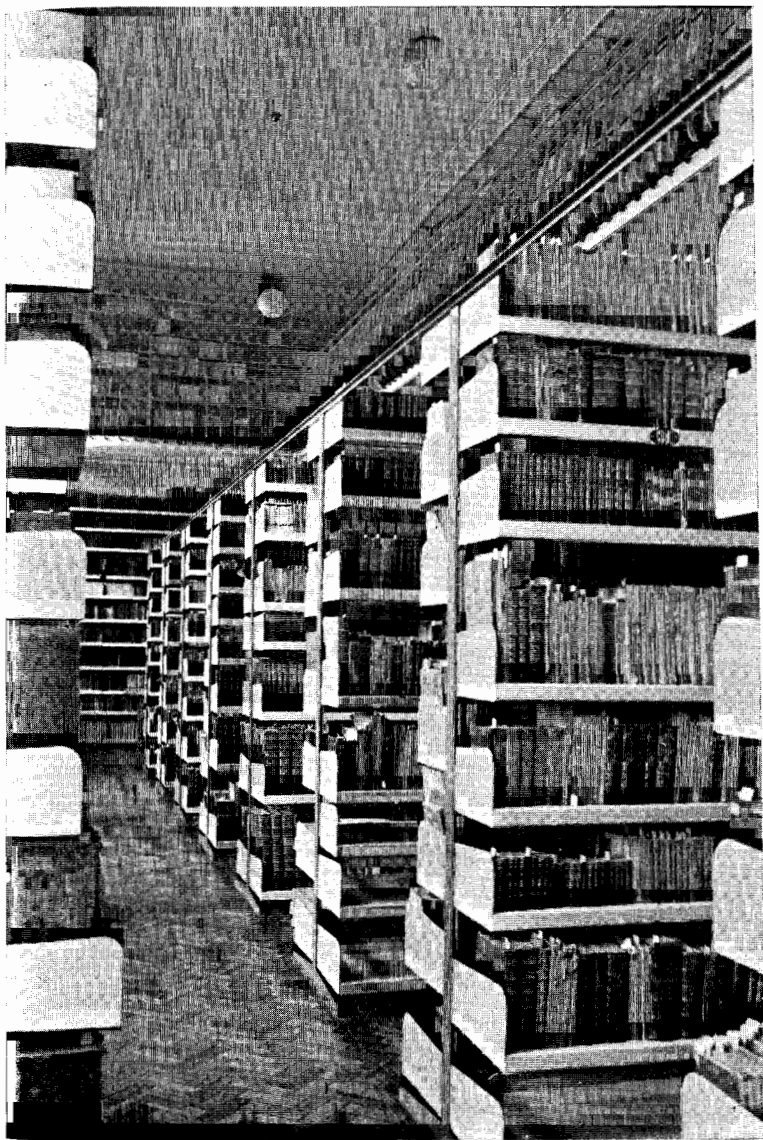
*Salão de Festas e Conferências.*



*Sala de Leitura.*



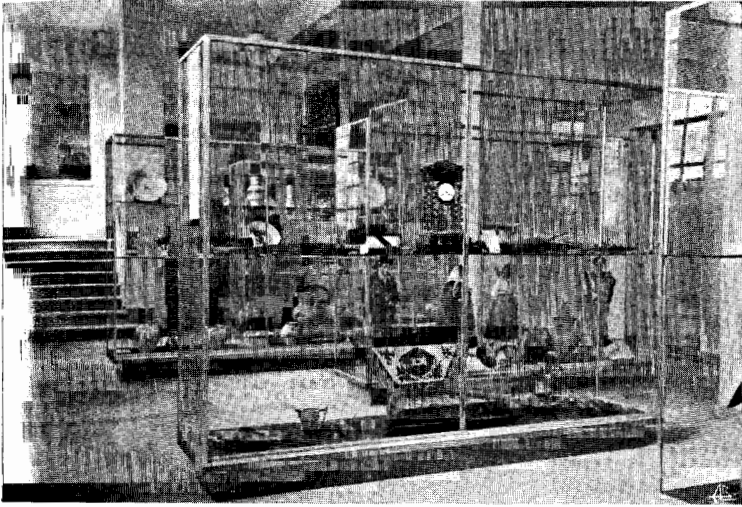
*O Chefe do Estado visita a Sala da Leitura.*



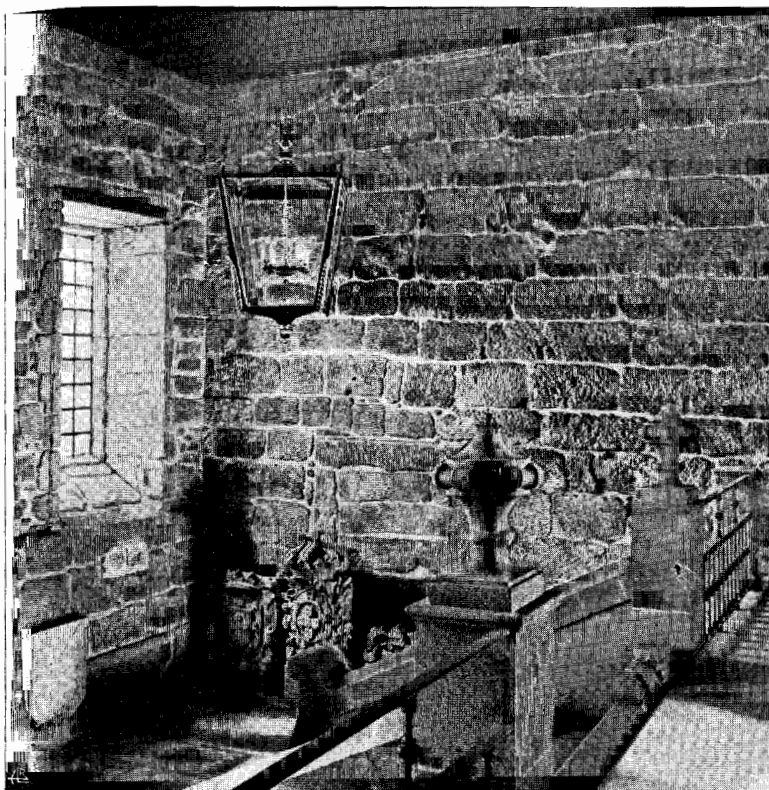
*Depósito de livros anexo à Sala de Leitura.*



*Um aspecto do salão de Pintura.*



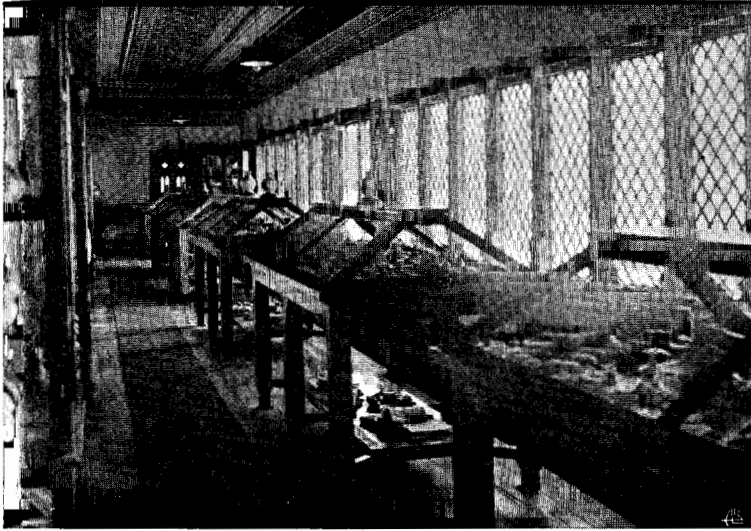
*Secção de Etnografia.*



*Escada do antigo mosteiro dominicano, que dá acesso à Secção de Arqueologia pré- e proto-histórica.*



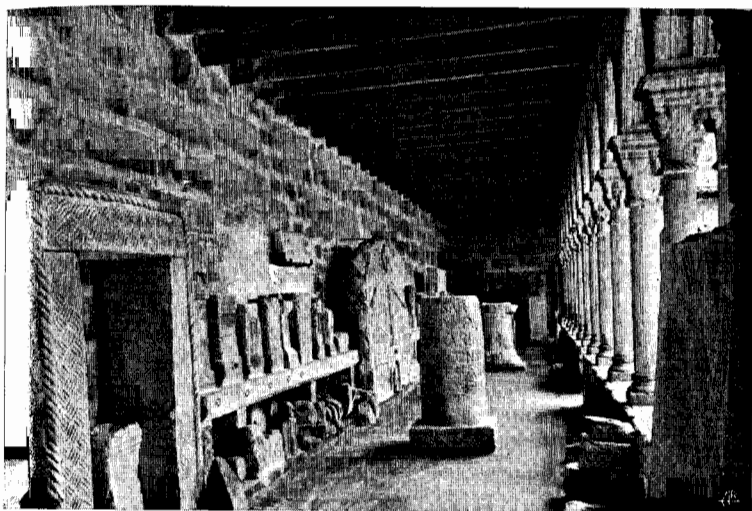
*Sua Excelência o Senhor Almirante Américo Thomaz observa interessadamente os objectos da Secção de Arqueologia do Museu (Indústrias pré- e proto-históricas).*



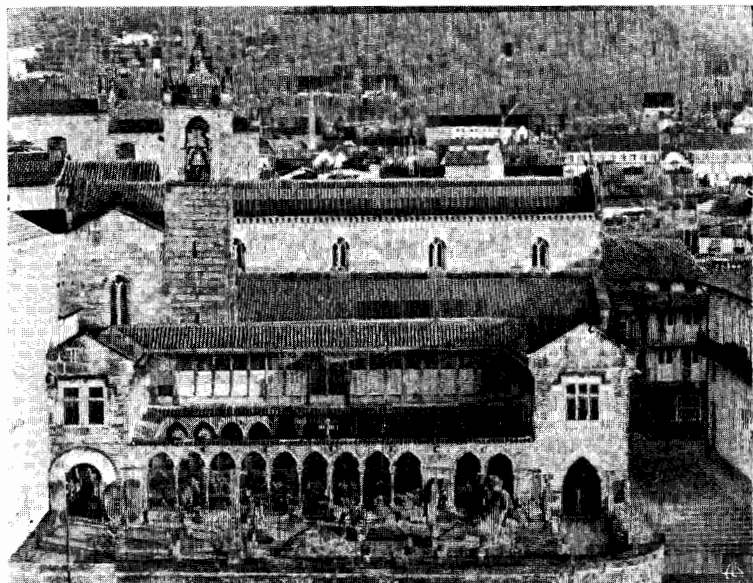
*Uma das salas da Secção de Arqueologia. (Indústrias pré- e proto-históricas).*



*O Chefe do Estado no claustro gótico do século XIV, do antigo Mosteiro de S. Domingos, onde se encontra actualmente instalada a Secção de Epigrafia latina.*



*Um aspecto da Secção de Escultura Antiga e de Epigrafia Latina.*



*A parte antiga do Museu, onde estão instaladas as Secções de Arqueologia.*

## NOITE DE 30 DE JUNHO

Fechando com «chave de ouro» esta Comemoração inaugural, teve ainda lugar, na noite de 30 do mesmo mês de Junho, no Salão Nobre da Sociedade, um magnífico Serão Cultural, consagrado ao Nome glorioso do imorredouro Patrono espiritual da Instituição.

Constou esse acto festivo, que assumiu invulgar brilhantismo, de duas partes, na primeira das quais se exaltou, uma vez mais, a nobre Figura intelectual de MARTINS SARMENTO, proferindo o Senhor Doutor Luís de Pina, Professor eminente da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, uma excelente Conferência a que deu o título de *O espírito de Sarmiento nas letras das suas cartas*. A segunda parte do Serão foi preenchida com um esplêndido Concerto de Música de Câmara pelo «Trio Portugália», constituído pelas Ex.<sup>mas</sup> Senhoras Professoras Moreiras de Sá, D. Helena (piano) e D. Madalena (violoncelo) e pelo Prof. Haydn Beck (violino), que executaram primorosamente o *Trio Op. 99*, de Schubert, em quatro andamentos (allegro moderato, andante poco mosso, scherzo e rondo).

O Salão, que apresentava um belo efeito, profusamente iluminado por três monumentais lustres de bronze, magnífico trabalho executado na Casa Lino, do Porto, sob desenhos do Artista Arquitecto David Moreira da Silva, encontrava-se repleto de uma selecta assistência constituída por muitas senhoras e cavalheiros, ansiosos de ouvirem a palavra eloquente e sugestiva do Professor Luís de Pina e o Concerto de Schubert, superiormente interpretado pelo «Trio Portugália».

Na abertura do Serão, o Presidente da Direcção da Sociedade pronunciou as seguintes breves palavras:

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Celebrando o acontecimento festivo da conclusão deste edificio, sede da Sociedade Martins Sarmiento, prestámos, há poucos dias, a homenagem devida aos beneméritos fundadores desta Colectividade e a todos os que, pela sua colaboração activa e boa vontade, ou pelo reconhecimento do valor e utilidade desta Instituição como elemento de formação intelectual, moral e educativa — nos ajudaram, ao longo desta árdua campanha de tantos anos, a darmos à Casa de «Martins Sarmiento» a instalação condigna que ela merecia, e o apetrechamento de que ela necessitava para melhor poder cumprir a sua missão social.

Hoje, novamente aqui nos reunimos para manifestarmos a nossa perene gratidão ao saudoso Patrono espiritual desta Sociedade, evocando, mais uma vez, essa nobre figura de Homem de Ciência, em honra do qual esta Instituição foi criada, há 85 anos: Vai falar-nos de Martins Sarmento o Senhor Professor Doutor Luís de Pina.

Nem eu, nem o Sr. Prof. Luís de Pina, nem por certo a maioria ou talvez mesmo a totalidade das pessoas que se encontram nesta sala chegámos a conhecer pessoalmente o Doutor Martins Sarmento. Quando o sábio faleceu, há 68 anos, era eu então um rapazinho imberbe, e o Sr. Prof. Luís de Pina ainda não tinha nascido.

Não chegámos pois a conhecer Martins Sarmento em sua realidade física, em seus hábitos normais, nos aspectos da sua vida quotidiana, familiar e de sociedade, porque já não foi um homem do nosso tempo. Mas conhecemo-lo, totalmente, na sua personalidade intelectual, na sua vida interior, através das páginas dos seus escritos, publicados ou inéditos, e da sua obra de erudição e de investigação científica; e conhecemo-lo mesmo pela leitura das cartas, tão curiosas, que escreveu a muitos dos seus amigos e confrades de estudo, nas quais usou sempre uma linguagem singela, límpida e corrente, natural e atraente, sem preocupações literárias, como se, ao lê-las hoje, o tivéssemos junto de nós, e o ouvíssemos discorrer sobre os problemas das suas absorventes indagações acerca das remotas origens do nosso povo.

É do estudo atento dessas cartas, muitas delas já conhecidas e publicadas, que o Senhor Prof. Dr. Luís de Pina nos vai dar uma nova imagem, um novo aspecto da nobre figura intelectual de Martins Sarmento, do seu alto espírito, que após tantos anos volvidos, ainda parece que sentimos pairar neste salão, como sombra tutelar, amiga e imperecível, eternamente viva, do Homem cujo invólucro mortal desapareceu de há muito.

Agradeço pois a V. Ex.<sup>a</sup>, Senhor Professor, ter anuído ao convite que lhe apresentámos para vir hoje aqui falar-nos de Martins Sarmento, já que ninguém melhor do que V. Ex.<sup>a</sup> o poderia fazer, pois, até como arqueólogo que é, conhece profundamente a Obra sarmentina, e também porque desde a sua mocidade começou a frequentar esta Casa a que hoje pertence, e que tão devotadamente tem servido sempre, como um dos nossos mais ilustres consócios e colaboradores.

\*

E agora, respeitando a mesma ordem em que vão suceder-se as duas partes deste Serão cultural — Conferência, seguida de um Concerto — é o momento de eu cumprir também o grato dever e o grande e sincero prazer de dirigir igualmente os melhores agradecimentos da Direcção desta Casa às Excelentíssimas Senhoras Dona Helena e Dona Madalena Moreira de Sá e Costa, e ao Senhor Haydn Beck, que constituem o magnífico *Trio Portuguesa*, pela gentileza que tiveram de virem aqui dar-nos um concerto de Schubert, que será, sem dúvida alguma, primorosamente executado, e que vamos ter a inefável satisfação de escutar, após a Conferência do Sr. Professor Luís de Pina.

É, portanto, hoje noite de Festa nesta Casa. E nenhum acto pode considerar-se verdadeiramente festivo se nele não intervier um sopro de Arte, se nele não flutuar um pouco da emoção que a Arte tem a faculdade de transmitir-nos. E a Música, pelo poder do ritmo e da harmonia, é de todas as Artes a mais insinuante, a mais eloquente e sugestiva para imprimir um ar profundamente emocional a qualquer comemoração que se pretenda realizar, com a elevação e a nobreza que as circunstâncias imponham! A bela audição do genial compositor austriaco que o *Trio Portugália* nos vai facultar será também, portanto, uma oportuna homenagem ao nobre espírito e à excelsa memória de Martins Sarmento.

Desejo, por fim, manifestar particularmente a VV. Exc.<sup>as</sup>, Senhoras D. Helena e D. Madalena, a nossa satisfação pela especial simpatia que a nossa terra sempre lhes tem merecido, dado o facto de aqui ter nascido um glorioso antepassado seu, o insigne musicólogo que foi o Professor Bernardo Moreira de Sá, figura ilustre de vimezanense que me é grato recordar neste momento, e a cuja memória já também a Sociedade Martins Sarmento prestou condigna homenagem, nela colaborando VV. Ex.<sup>as</sup> com o seu inextinguível virtuosismo musical e o saudoso Escritor Aarão de Lacerda, que aqui pronunciou uma notável Conferência alusiva à vida e à obra de Bernardo Moreira de Sá.

Foi em 20 de Maio de 1937, e parece ter sido ainda ontem! Mas o tempo foge, inexoravelmente, com suas asas céleres, e, junto de nós, só fica a saudade dos bons momentos em que vale a pena viver. Seja este também para nós um desses belos momentos da vida, mercê da evocação da excelsa figura de Sarmento que o Sr. Prof. Luís de Pina nos vai dar, e da arte com que o «Trio Portugália» nos vai deliciar o espírito.

Em seguida o Senhor Professor Luís de Pina proferiu a sua Conferência que passamos a transcrever:

## O ESPÍRITO DE SARMENTO NAS LETRAS DAS SUAS CARTAS

Senhor Presidente,  
Ex.<sup>ma</sup> Direcção da Sociedade Martins Sarmento,  
Minhas Senhoras e Meus Senhores:

Fácilmente se depreende que o que ides ouvir de mim, nesta noite, trata de um grande vimezanense e de muitas de suas cartas, as cartas que escreveu com frequência a amigos de boa estirpe, nacionais e estrangeiros.

Cartas, disse. Que delicado tema, esse da epistolografia, capítulo da Literatura em que são incontáveis

os estudos por todo esse Mundo de Cristo dados à letra de forma.

Cartas! Não dissera António Vieira um dia que *não há aí officio mais difícil do que esse da pena entre os dedos sobre o papel!* E se o papel é de carta...

Por isso, no ponto de vista literário, como no psicológico — para se não chamarem a terreiro outros ramos do seu conhecimento — as *Cartas* são objecto e motivo das mais singulares considerações e dos mais diversos comentários.

Isto de escrever cartas é coisa muito melindrosa, se bem pensarmos. Sabe-se lá que destino terão!!

! São papéis tão indiscretos, tão tagarelas, tão impertinentes ou tão mudos, às vezes!

Aqui se poderia glosar uma velha locução:

*«dix-me o que escreves e como escreves as tuas cartas e dir-te-ei quem és!»*

A ruma de cartas ou epistolário que hoje vamos compul-sar confina-se às de amizade e científicas desse insigne arqueólogo, historiador e etnólogo, folhetinista e polemista, poeta e etnógrafo que se chamou Francisco Martins Sarmento.

De Horácio, criador do género epistolar, a S. Paulo com suas cartas evangélicas, às epístolas profanas de Camões, do castiço António Ferreira, de D. Jerónimo Osório, Herculano, Antero, Eça, Ramalho, Camilo, Garrett e tantos outros, passando pelas de outras figuras mais recentes ou mais velhas, um Rodrigues Lobo, Alorna, Cavaleiro de Oliveira e Frei António das Chagas ou Pe. António Vieira, sem esquecer as célebres missivas da freira Mariana ou a Carta de Guia de Casados, do moralista D. Francisco de Melo, o que aí não temos de ricos mananciais para o estudo de um dos géneros de expressão da vida psíquica — intelectual, afectiva e instrutiva, género este que, como os *diários íntimos*, sempre mereceram singulares interesses psicodiagnósticos.

Se lermos a obra de Prado Coelho, neste capítulo crítico, saberemos que «Cartas vivas, cartas com pormenores de actualidade, com notícias e com reflexões pessoais à margem do quotidiano, raro surgiram com valor literário. Pouco se distinguem, efectivamente, as cartas familiares de grandes homens portugueses das cartas fami-

liares sem valor, e sem glória, escritas por qualquer em cumprimento de simples obrigação ou necessidade».

Já o nosso Frei Heitor Pinto, na *Imagem da Vida cristã*, redigira um curioso capítulo que intitulou:

«Da vitalidade das epístolas, com que os amigos se carteiaram, e o traslado de uma, que um religioso enviou a outro, seu amigo».

Aí explica ele, por boca do negociante interlocutor:

«— Outras cousas muitas, disse o negociante, me têm acontecido desta qualidade, que seriam longas de contar, de grandes amigos meus, dalguns dos quais vivo eu separado por apartamentos de lugares, mas não de corações, porque os liames das vontades não são corporais, mas espirituais: e carteamo-nos muitas vezes, porque o amor e o engenho humano acharam este remédio para os ausentes, que certo foi admirável.»

E depois dá-nos o valor das cartas:

«com as cartas familiares alegram-se os espíritos dos verdadeiros amigos, recreiam-se os corações, desfadavam-se os entendimentos, sabem-se novas dos amigos que, sendo ausentes, os fazem as epístolas parecer presentes: enfim são elas conservadoras da amizade.»

Mais adiante, dá-nos este curioso trecho acerca da importância das epístolas em seu tempo:

«As cartas destes homens folgo eu muito de ler, ainda que não sejam para mim, mas dum amigo para outro, em especial se são de homens religiosos e letrados, porque com palavras amorosas costumam meter cousas de virtude e erudição. E por esta causa pedi hoje a um português meu amigo, que aqui chegou de Madrid, que me emprestasse por dois dias um caderno, que me mostrou, onde havia muitos originaes de cartas familiares na nossa língua portuguesa,

que me disse que lho vendera por bem pouco dinheiro um moço, em Madrid, onde dizia que o achara: que parece que o trazia algum português, e que o perdeu, ou lho tomaram: e ainda não ali quási nada d'ele. Mas vi que estão nele algumas epístolas graves para pessoas nobres e mui principais, e outras mais familiares para amigos».

E para exemplificar, dá-nos Frei Heitor Pinto a transcrição de numa dessas cartas, como quatro séculos mais tarde o Professor belga Fernand Besonay fará com modelos das que também transcreve em um seu livro de há anos. É curioso que nessa carta revelada pelo frade Pinto se diz, ao comparar uma epístola com um retrato da pessoa amiga:

«Costumam algumas pessoas ter em suas câmaras a imagem e retrato da pessoa que muito amam, para remédio das lembranças geradas do amor, e da ausência: eu, em lugar de imagem, tenho vossas cartas: e parece-me que há aí esta diferença entre a imagem e a carta, que a imagem representa o corpo do amigo, e a carta o ânimo. Por onde tenho por mais expressiva e excelente imagem a escrita no papel que a pintada na tábua: a imagem mostra o exterior, e a letra o interior, uma matiza as feições, e a outra os pensamentos, uma a côr, a outra o coração.»

Como se vê, o velho autor quinhentista valoriza de modo especial com bela lição psicológica, aquilo que nós hoje sabemos e aqui direi a propósito das epístolas sarmen-tinas.

Lá diz o bom do frade:

«a imagem representa o corpo do amigo, e a *carta o ânimo...* a imagem mostra o exterior, e a *letra o interior...*»

Por aqui compreenderéis o que nós quizemos dizer, e diremos, acerca da letra das cartas do grande sábio vimaranense.

Veremos que as cartas de Martins Sarmiento são vin-cada excepção à regra há pouco enunciada pelo Prof. Prado

Coelho, que chama cartas vivas às que «foram realmente escritas, ou pelo menos escritas para um destinatário individual — embora no espírito do autor estivesse às vezes presente a ideia duma futura publicação».

Se as cartas de Sarmiento são, sem dúvida, *cartas vivas*, no sentido designado, não o são quanto a um intento de as dar a lume. Esta segunda característica estaria inteiramente alheia do espírito do ilustre arqueólogo, adverso a exhibições, a honrarias, a festejos, a inútil convívio social, senão molesto.

*Cartas vivas*, sim, são elas pela graciosidade de alguns de seus trechos, pela modéstia da sua forma, pela singeleza corrente da sua prosa, pela sinceridade dos seus conceitos, pelo portuguesismo e regionalismo do seu estilo.

Em curioso livro sobre a *Arte de escrever uma carta*, do citado Professor Fernand Desonay, podem ler-se interessantíssimos aspectos deste expressivo fenómeno humano. Não me consente a curteza do tempo disponível comentar, como tanto desejaria, a obra de Desonay, que no final arrola, como exemplos, nada memos de 40 epístolas de variadas personagens, mas todas do mundo das Letras, desde Alain-Fournier, Apollinaire, Arland e Maurice Barrès a Anatole France, Paul Valéry, Émile Verhaeren, Paul Claudel, Colette e outros, como André Gide, ou a de uma criança de 10 anos e a de um mocinho de lavoura.

Tudo isto representa, na verdade, um capítulo exuberante e precioso da História da Literatura, mas confinado, porém, e por todos, aos escritos epistolares dos homens de Letras, dos Sociólogos, dos Políticos, dos Religiosos, pelo que tal estudo será sempre incompleto e, pior do que isso, imperfeito. As cartas dos homens da Ciência, da mais árida à mais apazível, encerram frequentíssimamente, fora de sua Ciência, impressionantes ensinamentos de singular interesse para a educação moral ou social de todos.

Por isso julgamos que ao recolher para tema desta palestra o espírito das Letras epistolares de um grande investigador científico que foi o vimaranense Martins Sarmiento, poderíamos compor algumas laudas para achega desse impressionante capítulo ainda tão precariamente versado: o espírito dos Homens de Ciência,

não pròpriamente nos seus livros, artigos, etc. (que também patenteiam lições de muito interesse), mas nas linhas das suas cartas.

Se é certo que nestas se poderiam encontrar muitos e importantes esclarecimentos sobre a personalidade dos seus autores (outro belo estudo a realizar-se um dia), não menos verdade é que nos bilhetes, notas, cartas ou postais escritos por cientistas, o analista saberá grangear bom número de provas que o habilitem a marcar alguns dos aspectos menos conhecidos (embora, por vezes, mais expressivos e únicos) da alma dos seus subscritores.

Estou a lembrar-me, neste momento e no ramo médico, das cartas de um Osler ou de Laennec, de Leriche ou de um Marañon, de um Carrel ou de Pasteur, de Lister ou de Cajal, de um Bichat ou de uma Madame Curie — cuja sepultura modestíssima pude respeitosa e venerar há dias, no cemiteriozinho parisiense de Sceaux, bem como a sua modesta casinha rústica, não longe desse túmulo, num ruralíssimo canto da ruela que tem o nome de seu sábio marido Pedro.

Em tantos desses papéis deixaram eles boa parte de seus sentimentos, de suas paixões, de sua grandeza espiritual! Maravilhosas lições e exemplos perenes!

Das mais notáveis — posto que de punho de um Rei de pouco mais de 20 anos, que não era cientista, D. Pedro V, porém arguto psicólogo e pensador extraordinário, quantos ensinamentos morais, científicos, pedagógicos, numa linguagem simplicíssima, sincera, fresca, indómita e eficiente.

Sem lermos essas cartas não podemos inteirar-nos da verdadeira, da singularíssima personalidade do jovem Rei, de ainda muito saudosa e veneranda memória, levado do Mundo aos 24 anos de idade.

Não se têm preocupado os críticos literários com certo teor das cartas que escrevem os homens de Ciência uns aos outros, a variadíssimas entidades e personalidades fora do seu mundo de trabalho e de interesses. Quer para dar conta da sua vida científica, dos seus achados e descobertas, das suas opiniões, dos seus intentos, suas perplexidades ou preocupações, como dos seus malogros e derrotas que sofrem, quer para desafogar mais ou menos

complexos conflitos afectivos que os perturbam, nos diferentes escaninhos da sempre e em todo o Homem complicada vida da alma, as cartas dos cientistas revelam impressionantemente posições, situações, pensamentos, comentários acerca da vida comum da Humanidade, muita vez com mais acerto e verdade que os literatos, no que conta a especial cultura positiva, experimental, prática, dos seus autores e dos seus destinatários.

Aparto desta nossa asserção os cabouqueiros de especial cultura que são os filósofos.

Não nos preocupam, neste ensejo, naturalmente, as diversas circunstâncias e condições que, no conceito de Dezonay citado, deve revestir a feitura de uma carta: o aspecto do sobrescrito, a qualidade do papel, a sua cor, os dizeres do endereço, a cor da tinta, a data, a disposição do texto, o fecho da missiva, as dobras da lauda, e tantos outros problemas da arte epistolar, como o da delicadeza ou indelicadeza do pós-escrito, ou o perfume que das cartas se evola. Interessa-nos, sim, o espírito do seu conteúdo, como no presente caso em que vamos catar nas cartas de Martins Sarmento as mais curiosas e aprazíveis expressões do seu temperamento e do seu carácter, alheados do imenso caudal de lições arqueológicas que nelas exuberantemente expôs.

Já em 1933 o ilustre arqueólogo e insigne Presidente desta Sociedade científica vimaranense, que tão alto e esforçadamente ergueu a obra de raro mérito nacional e internacional, o que todos estamos aqui a contemplar, com profunda admiração, profundo respeito e profunda gratidão; já há 34 anos o Senhor Coronel Mário Cardozo, num valioso estudo biográfico de Martins Sarmento deixou passos que amplamente interessam a esta nossa palestra.

Vincou, então, o ilustre arqueólogo os delicados aspectos da vida literária do seu inolvidável antecessor, que tanto honra e enaltece. Aí, nessas páginas escreveu judiciosamente, relembrando certas páginas do grande mestre Leite de Vasconcelos:

«Como derivou o intelectual a sua atenção para um campo tão especializado, e tão particularmente positivo e grave, como o da Pré-História, quando é certo que, durante largos anos, desde a mocidade,

o seu espírito flutuou ao sabor das divagações românticas da poesia e da literatura, ou das pugnas jornalísticas, inconsequentes e dispersivas.»

Depois, comenta, aludindo a que o temperamento literário nunca abandonara Martins Sarmento:

«No estudo das civilizações mortas, também um carácter vagamente melancólico e romântico encontra inspiração e motivos para divagações da fantasia. Quando o pensamento e o poder de criação, aliados à segurança do estudo e ao senso crítico, podem fazer ressurgir e reviver o que morreu, a ciência do Passado deixa de ser um frio exame de Anatomia, para se converter na ligação atractiva da nossa própria vida a outras vidas distantes. Esta faculdade de ressurreição, esta intuição de quase vidente, este admirável talento de reconstrução, que restitui uma nova alma aos corpos de onde ela se evoluiu — possuía-o Sarmento em alto grau. A sua imaginação, alguma coisa ainda do poeta, levava-o para as épocas mais afastadas, envoltas no espesso nevoeiro do passado».

Estão nesta transcrição palavras de Alberto Sampaio, que bem conheceu o insigne pesquisador. Sem pretender, por modo algum, discordar dos conceitos ou interpretações destes ilustres cronistas, penso em crer que alguma coisa mais profunda ou transcendente condicionou esta inclinação de Martins Sarmento para a vida das eras longínquas. Ele mesmo nos fornece um valioso subsídio, em carta a Pereira. Caldas, quando lhe diz:

«Quanto às minhas predilecções literárias, tenho sido de uma volubilidade verdadeiramente feminina. Tomou-me muito tempo a Filosofia, e a história dos sistemas filosóficos, mormente no que tinha relação com as religiões e a psicologia.

Desci das teorias ocas e atirei-me à história, principalmente à história antiga, e ia neste caminho, quando a Citânia me fez recuar até à pré-história».

Já Eduardo de Almeida, inesquecível amigo a quem esta mesma Sociedade tanto deve, aventara um dia o amor de Sarmento pela solidão, pelos montes e fragas.

Todos acertaram no diagnóstico psicológico de Sarmento, por outras palavras que não são as que nós usamos na ciência do estudo da alma — e são elas *esquizotimia, introversão*. Na realidade Sarmento fora um temperamento *esquizotímico, introvertido*, que condimentava por sublimação — conforme com a doutrina freudiana — a sua reserva e timidez, a sua pouca sedução pelo ambiente mundano com aquele humorismo, graciosidade, por vezes facécia ou chiste com que impregnava tantos passos das suas cartas, como ouvireis.

O célebre psicanalista de Viena, a propósito deste último fenómeno, filia o chiste *numa inconsciente necessidade de prazer*. E deste bem carecia o temperamento sarmentino: a própria Arqueologia lhe proporcionou largamente o prazer honesto que procurava.

Todavia, creio que esse mesmo temperamento se não ajustava à fantasia. Ele o prova com muitos passos das suas cartas, dos seus estudos, da sua vida. Ele o dissera como ouvistes: «Desci das teorias ôcas...»

Acresce que Sarmento encontrara a felicidade nos estudos arqueológicos. Ora um homem feliz, disse-o o mesmo Freud, nunca fantasia, mas sim o insatisfeito. «Os instintos insatisfeitos são as forças impulsoras das fantasias, e cada fantasia é uma satisfação de desejos, uma rectificação da realidade, disse-o o eminente psicólogo no estudo «O poeta e a fantasia», de 1908.

Na verdade, o insatisfeito que foi Sarmento encontrou na Arqueologia a opulenta fonte de prazer de que precisava, prazer não único, pois a caça e a pesca lho teriam também dado, em certo passo da existência, como adiante lembraremos.

\*

Pois será no epistolário sarmentino que podem encontrar-se as melhores provas destes diagnósticos, as fornecidas pelo próprio arqueólogo, epistolário já publicado, mercê de louváveis cuidados das devotadas Direcções desta Sociedade e seus magníficos Presidentes, Eduardo de Almeida e Mário Cardozo.

Mergulhamos a nossa mais fina sonda psicológica pelas muitas letras das suas cartas: e o que nela recolhemos será o conteúdo desta palestra.

Porém, conviria expor mais algumas considerações. Uma destas bordeja o problema da inviolabilidade das cartas, que uns defendem ardentemente e outros desprezam olímpicamente.

É lícito dar a público conhecimento dos textos de cartas particulares? O citado autor Desonay aponta, entre outras, as amorosas e, sobre isso, dá-nos largas considerações, que gostaria de vos expor, se mo facultasse maior número de minutos do que o que devo gastar nesta palestra.

Sobre este delicado assunto, o do segredo a guardar, como muitos recomendam, do conteúdo das cartas que se escrevem, li, não há muito, um artigo de Pires dos Santos em revista brasileira, a defender a publicação que fizera de cartas íntimas do Imperador D. Pedro II, do Brasil. Diz o seguinte:

«Muitos deploraram e mesmo condenaram a divulgação destas cartas. Invocaram os mais altos e sagrados princípios, alegando que, o Imperador já morto há tantos anos, não havia vantagem em trazer a público estas coisas passadas, e que não eram do conhecimento de ninguém. Os que formularam tais argumentos esquecem-se de que a missão da história é renovar e descobrir, mostrando o que estava desconhecido. Mesmo se tratando de heróis e reis, os personagens não deixam de ser homens sujeitos às mesmas fraquezas e tentações. Não devem ser mostrados ao povo como estátuas, frios, impenetráveis e insensíveis como esfinges. Das suas acções devemos aprender; pois, como todos nós, êles viveram, sofreram e amaram. Pois saíram do mesmo barro!»

No caso presente, julgo-me também ileso de pecado ao falar das cartas de Sarmento, pois já estão publicadas há muito. Ficará, apenas, o temor que do Além poderá criminar-me o sábio vimaranense. Deus me ajudará a defender-me...

É nesta altura, porém, que depois de ler e reler essas cartas, fico a julgar que a mais bela, a mais nobre, a mais grandiosa e mais expressiva carta que escreveu Sarmento foi a que redigiu com pá e picareta na Citânia

de Briteiros e outros pousos arqueológicos e deixou, selada com seus bens pessoais, neste grande e belo sobrecrito que é a Sociedade de seu nome, honra de Guimarães, glória da Nação, orgulho da Arqueologia!

\*

Um dos méritos mais afectivos desta nobilíssima Sociedade Martins Sarmiento é, sem contestação, a revelação pública das cartas que o seu inesquecível patrono endereçou a vários amigos cientistas, de Martins Capela a Emílio Hübner, prestigiosíssimo sábio germânico. O que atrás se repoz sobre a questão de ser lícito ou não dar a público as cartas que escrevemos aplica-se, naturalmente, às deste género. Mas as opiniões acerca do assunto divergem também, neste caso, como no das cartas de mera amizade ou cortesia. Isto dito, passemos ao valioso *Epistolário* de Sarmiento, valioso no que nele se colhe em matéria científica — neste ponto, arqueológica, como no concernente às suas expressões de temperamento e de carácter. O tema desta palestra bordeja, apenas, esse aspecto singular de personalidade do eminente arqueólogo e historiador que (como num dia afirmou o seu benemérito, quanto distinto sucessor pleno, Coronel Mário Cardozo) foi «criador da Arqueologia nacional em bases científicas... primeiro investigador do nosso passado e origens, onde se encontram os nossos melhores pergaminhos, as raízes milenárias da personalidade e continuidade histórica do povo português».

Minhas Senhoras e meus Senhores:

É já tempo de entrarmos na segunda parte desta palestra, a que mais poderá interessar-vos, por ser o núcleo do tema prometido: o muito e impressionante que do espírito de Martins Sarmiento ressalta da letra das suas cartas.

Colhemos os trechos, que ides ouvir, mas que endereçou a Hübner, a Martins Capela, a Barros Carneiro, a Leite de Vasconcelos, ao P.<sup>e</sup> Brenha, a Pereira Caldas e outros amigos.

De tudo em que refasteiei respeitosamente meus olhos pude ajeitar apenas uma reduzida amostra, que o tempo disponível para esta fala é deveras apertado; e a divina musa *Euterpe* aguarda ali, impacientíssima, a hora de nos prender com a Arte excelente de algumas de suas discípulas mais dilectas.

\*

Apesar da Arqueologia ser coisa muito veneranda, Sarmiento tratava os seus problemas, por vezes, com acentuado humor gracioso, que tanto aligeirava o contexto das epístolas. Ao falar do valor filológico de certos aspectos arqueológicos, escreve: «há entre nós uma respeitável quantidade de palavras, que os dicionários não se dignam recolher e que nem o demo pode saber de onde vieram. Nem têm cara de latinas, nem de germânicas.»

Se vivo fôra, talvez lhe pudesse responder a essa dúvida o excelente amigo Prof. Arquitecto Rogério de Azevedo com os seus recentes estudos na matéria...

Em certa carta, Sarmiento começa por aludir ao seu estudo *Lusitanos*, que mandou a Hübner. E diz que a sua ideia principal talvez «seja uma heresia digna de fogueira. Mas já S. Paulo sustentava a conveniência das heresias, e creio que das fogueiras; e eu, depois que o Sr. Gaidoz, na Revista Celta, destronou o meu príncipe Camal, estou resignado a tudo. Pobre príncipe! Ainda tentarei quebrar uma lança em tua defesa, se a tua deusa, degolada nos píncaros da Citânia, me inspirar bem.»

Isto a propósito da suposta existência de um poderoso senhor citaniense, CAMAL, a quem o próprio Sarmiento chamara «graciosamente *Sua Majestade Camal*. O tema deste episódio — a interpretação dessas letras citanienses CAMAL, não nos parece, contudo, bem resolvido ou explicado. Ainda há lanças a quebrar, a tal propósito, como sugeria para si Martins Sarmiento.

Num outro lugar, escrevia Sarmiento, respeitante aos senhores abades das freguesias minhotas: «Os párocos não têm informações nenhunas a dar, porque não têm olhos para ver estas coisa.»

Não desacreditava na sorte em questões arqueológicas. No mesmo escrito chegou a dizer, quanto a não se encontrar certa pedra perdida: «Não desesperemos,

porém. Talvez um dia o acaso faça das suas.» E mais adiante informava que iria desbastar certa mamoa ou mamunha «por confiar muito no Deus Acaso.»

Ao aludir ao desejo de comprar o poema de Avieno, que não sabiam obter-lhe e do qual Hübner lhe prometera um espécime, dizia a este amigo, a quem certa vez ofereceu e lhe mandou tres caixas com fruta de Guimarães, excelentemente cristalizada:

«Ai! Os meus livreiros são muito bons, se lhes encomendasse um romance de Zola, ou de Daudet; mas um poema como eu desejo!».

Sobre outros pontos das suas escavações e estudos, diz noutro lugar: «Esperemos o futuro, que é dos deuses. Amen».

A respeito de certa inscrição de difícil leitura, reparava ele:

«Só o diabo poderá saber ao certo o que ali foi escrito. Eu gabo-me de ter boa vista, mas há na endiabrada inscrição algumas coisas que não são para a vista humana». É porque se trouxe aqui — ou Sarmento trouxe, o próprio diabo, assim se lhe reporta em carta de 92, ao dar certa notícia a Hübner: «obriga-me a uma confissão vergonhosa, porque tenho de declarar que acredito no diabo».

Ao terminar outra carta, certa divindade antiga serve-lhe de partida para um cumprimento e desculpa: «Este novo (novo-velho) Deus é então *Durbédico*. Teria de invocá-lo aqui, se ele fosse o Deus dos Maçadores, porque a carta já vai longa».

Em certa altura alude aos homens da cultura de Lamego, directores do Museu respectivo que, «como bons lamecenses que são, só se ficam em autoridades de primeira ordem», isto a propósito de certa interpretação, de uma lápide antiga do dito Museu. E prossegue, quanto aos mencionados Directores: «parece mesmo que lhes custa a acreditar que DIBVS (*palavra da lápide*) está por DIIS e que por fim a inscrição se não refere às Cortes de Lamego, mas a um defunto dos tempos em que o Deus de Ourique ainda estava na massa dos impossíveis».

Como Hübner, em certo trabalho crítico, tivesse dado como morto, em 1888, o erudito Eduardo Allen, corrigia Sarmento:

«V. Ex.<sup>cia</sup>...tem a barbaridade de matar o Eduardo Augusto Allen. Esse conselheiro ainda vive, é bibliotecário da Biblioteca Pública do Porto. É necessário resuscitá-lo».

O seu espírito dubitativo atingiria os nossos bons amigos bracarenses, pois viria a dizer que pedira cópias de certas inscrições aparecidas na cidade dos Arcebispos. E comenta: «mas confio pouco nos bragueses».

Não poupa nas censuras os amigos, mesmo bons. Em carta de 88 alude a Figueiredo da Guerra, assim, a propósito de certa estátua arcaica que descrevera e noticiara ao público: «O bom do Figueiredo, se tivesse os olhos mais abertos, tinha decifrado o enigma, sem disparatar, como disparatou».

Certas pedras antigas de Caldelas fazem-no declarar a Hübner: «há ali umas termas que alguns doentes procuram. O que eu não sei é se há vestígios de termas antigas, e se as Ninfas já nelas faziam milagres».

Em outra carta de 93 volta a negar a existência de tais ruínas.

Sarmento, em certos pontos, era indeclinável e graciosamente inconvenível. A respeito de compreensão da palavra ONCINVS, confessa: «custa-me a render-me; porque era capaz de jurar por Venus ou por qualquer outra deusa bonita, que vi muito claramente dois II adiante do C. Como é questão de vista e não questão epigráfica, declaro-me em rebelião».

Quando, certo dia, é roubada a Sociedade que tem o seu nome, nega que adoecesse por causa do furto, pois nem perdeu o apetite. Embora não gostasse da *brincadeira*, confrangeu-se com o que os vândalos faziam na Citânia. Chegou ao furor, que se esbateu, para dar lugar a tédio pela anarquia e impunidade que notara. E queixa-se da Sociedade deixar roubar os objectos que lhe dera. «Queixem-se de si mesmos», escrevia a Martins Capela. E conclui: «Eu continuo a ler os meus livros e a suspirar pelo calor, porque o frio mata-me».

Em 92 informa que «o ano passado estive em riscos de ir procurar inscrições no outro mundo, por causa de um incómodo de fígado que me martirizou». Mário Cardozo já repetiu este doloroso episódio da vida de Sarmento, que tanto sofria de uma gastro-hepatite crónica que tentara curar em Caldelas e no Gerez, sem

efeito. Viria a morrer oito anos passados. E diz que o mal o melancolizara e abatera mentalmente. O próprio Sarmiento fala da sua «macacoa» e da depressão psíquica em que se afogara. Fala no conselho dos médicos — a que chama Esculápios, que o levaram para aquelas águas de Caldelas, confessando que os satisfaria, se lá chegasse. Havia arredores para percorrer «em que não faltam velharias». O grave mal de que sofria não abrandava a sua curiosidade arqueológica. E em outra carta explica que os médicos «me mandaram ir pedir saúde às Ninfas de Caldelas».

Com que estóica resignação, de par que disfarçado desalento e um toque de graça, o ilustre enfermo elucida Hübner, escrevendo que o correio português lhe devolvera certa obra que aquele cientista lhe oferecera: «o correio... entendeu que a devia devolver para a Alemanha, como se eu não vivesse já. Feliz ou infelizmente, ainda vivo e, já agora, estou a ver se o meu país morre ou não morre de uma vez, para emigrar com o grande rancho e começar vida nova nos Elísios».

Em certo passo de carta de 93 escreve a Hübner a pedir-lhe, em nome de Martins Capela e seu próprio, determinada explicação: «revista-se de paciência para aturar estes meninos»; e em outra, de 94: «V. Ex.<sup>a</sup> não porá dúvida em ensinar estes meninos lusitanos».

Em ocasião impaciente trata as divindades como «diabos de deuses».

Quanto a lapsos na leitura de lápides, explica sinceramente: «no nosso país diz-se que só os escrivães ganham com estes enganos. Ora nisto de inscrições e principalmente de cópias, os enganos são quase o pão nosso de cada dia».

Certa irreverência banha, por vezes, os seus reparos aos outros e a seu respeito. Assim, ao falar de uma inscrição funerária e da falta de certa letra referente ao sujeito sepultado no lugar: «Parece-me sovínice para um homem que dá tanto que fazer, mesmo depois de morto. A terra lhe seja leve, e a mim daqui a 20 anos». Sarmiento dizia isto em 94: os previstos 20 anos — desejados, mais que previstos, Deus lhos reduziria a 5, pois para Si o levou no dia 9 de Agosto de 1899.

Ouvidé agora esta outra alusão ao desejo de certo amigo: «Um amigo meu tem embirrado com a tradução

do pedido que o dedicante vizelense ao deus Bormânico faz ao povo... e nenhuma tradução lhe agrada. Não pode V. Ex.<sup>cia</sup> propôr uma que eu apresente ao meu impertinente, para ver se ele dorme sossegado?».

O seu humor viceja para todos. Ao discutir, em carta a Hübner, determinado assunto lapidar latino, escreve: «Perdoem-me os manes de Cícero; mas que venham eles desenvencilhar o enigma, que eu faço-lhes libações com vinho puro. Tenho moído debalde a paciência para descobrir vestígios do nome de Valábriga. Se Ptolomeu não çaçoasse com a gente, poderia determinar-se um pouco a área da investigação; porém, aquele maganão, que levou Braga para as margens do Minho, não merece confiança nenhuma».

Em outro ensejo, Sarmento solicita a Hübner que promova a publicação de uma crítica à obra de Manuel Capela sobre miliários aqui do Norte. Começa por dizer-lhe que é uma obra de caridade, «ainda que pense que irá direito para o céu, ainda que a não pratique...».

E informa que: «o padre (*Capela*) não me encomendou o sermão».

Em carta de 1879 afirmava Sarmento a Hübner, nestas palavras que são, só elas, uma clara biografia e expressão do valor do método científico do grande vimaranense: «se alguém há que deteste as hipóteses construídas na areia, sou eu». E, mais adiante: «nunca fui lisongeiro». A sinceridade, franqueza honrada de Sarmento, nesta carta espelha-se com clareza, ripostando a certa crítica, se não injusta, pelo menos importuna, do ilustre arqueólogo alemão. A propósito da célebre *Pedra formosa*, da Citânia, escrevia na carta de 1880: «eu não sustentei nunca que a pedra fosse isto ou aquilo. Tenho-me limitado a refutar, até onde posso, as opiniões até hoje defendidas; mas, quando se pergunta a minha opinião, digo sempre que não sei nada...». E diz que sempre se abstem de emitir opinião própria, para no final da carta exclamar a Hübner: «O meu cepticismo não é tão feio como V. Ex.<sup>a</sup> o pinta».

Em outra carta daquele ano, não poupa venerandas sociedades portuguesas (como a Academia das Ciências) e vai dizendo, a propósito do seu estudo *Lusitanos*, que lhe enviara, que melhor era a base desse trabalho, de que

não mais tivera notícia daquela agremiação lisbonense: «as provas, tais quais, dormem na Academia Real das Ciências».

Mais adiante: «estes fenícios hão-de ser a minha perdição e já me castigam agora, obrigando-me a pedir a V. Ex.<sup>a</sup> um grande favor». Graça e... orgulho.

Modéstia e sinceridade neste outro passo, ao aludir a edições em idioma helénico, que desejava comprar: «A única coisa que eu pedia é que o texto tivesse tradução latina, alemã ou inglesa, porque eu não sei grego, e entendo alguma coisa das outras línguas».

Não faltam nas epístolas sarmentinas expressivas amostras do seu graciosismo e da sua veia satírica. Em uma de 1880 para Hübner, escrevia, a respeito de certo estudo seu a propósito da Citânia:

«V. Ex.<sup>a</sup> (*Hübner*) com os olhos do espírito viu mais e melhor do que muitos que examinaram as ruínas com os quatro olhos da cara — i. é, os que foram lá duas vezes, e aqui está como eu arranjo quatro olhos numa cara humana. Isto não faz mal a ninguém».

Até nos próprios temas científicos (neste caso arqueológicos) Sarmento não esmorece no fluir humorístico e franco das suas críticas judiciosas. Assim o faz, na mesma carta: «O que eu não sei agora é se V. Ex.<sup>a</sup> inventou um santo: S. Roriz. Eu pelo menos não o conheço no nosso calendário. Verdade é que S. Fins, muito vulgar entre nós, também me parece um santo que nunca entrou as portas do céu, como S. Gens e outros. Quanto ao S. Romão da Citânia consta, pelo menos entre os ferreiros de Briteiros, que os Romões foram os que expulsaram os Mouros da velha cidade. Eu quiz combater este sistema histórico, mas não fui feliz: o ferreiro teima na sua».

Referindo-se a certo monge cronista velho, de má fama quanto a esse ofício, diz: «Ainda que o F. Brito se lembrasse de baptizar as ruínas de Briteiros com o nome de Citânia e os vizinhos de outras ruínas se lembrassem de mentir tanto o como frade...». A esta voz condenatória de Sarmento juntar-se-ia mais tarde a de outro eminente vimaranense, o Prof. João de Meira, ao deslindar ou desnovelar as crónicas velhas de Guimarães.

Em outro ponto de carta do mesmo ano volta a falar com respeito de «nossos fradaldões antiquários».

O seu espírito sedento de verdade reflecte-se primorosamente nesta simples frase, da mesma epístola: «Mas eu só desejo falar do que vi».

Quanto este finíssimo espírito se aproxima desse outro português de mais de 300 anos antes, Garcia de Orta, o imortal criador da *Medicina Tropical*, com o seu livro *Colóquios dos Simples*, da Índia! Neste, o insi-gníssimo farmacólogo e clínico, pioneiro de Francisco Sanches e, no método experimental e filosófico, de Bacon e de Descartes, adverso às autoridades dogmáticas e às teorias e hipóteses científicas, de carácter especulativo, neste livro, Orta também escrevera um dia, desconfiado dos autores, numa dura e inconformista sondagem da verdade: «Não me ponhais medo com Dioscórides, nem Galeno; porque não hei-de dizer senão a verdade e o que sei!».

Em 1901, o eminente etnólogo Dr. José Leite de Vasconcelos, depois de sugerir que a Sociedade Martins Sarmento deveria publicar todos os manuscritos do sábio de Briteiros, (artigos arqueológicos, apontamentos, etc.), dá a lume na revista «O Archeólogo Português» extractos de algumas cartas do seu amigo, de 1881 a 1883, a si endereçados.

Conta que, enquanto se formava em Medicina, na também minha Escola Médica, vinha Leite de Vasconcelos a Guimarães passar férias e assim aí conheceu Sarmento, que fidalgamente recebera o estudante de Esculápio. Conversaram muito, logo na primeira noite em que se encontraram, «Martins Sarmento à banca, à noite, a trabalhar na primeira edição do seu estudo da Ora marítima de Avieno.»

É Leite de Vasconcelos a dizer, neste curto artigo de há 66 anos, que o notável vimaranense, de par com invulgares aptidões científicas, cultivava as literárias:

«As suas cartas — como em geral os seus escritos, mesmo os mais sérios — participam também de uma simplicidade que caracteriza a linguagem familiar e despreocupada... Escrevia pouco mais ou menos como falava, o que, nas cartas,\* se torna encanto...»

Mas, depois, comenta o hierático, rígido e clássico Leite de Vasconcelos (de boa cepa fidalga como Sarmento): «não direi contudo que por vezes nos escritos graves não destoe um pouco da natureza do assunto...»

Não agradava ao eminente etnólogo o tom das letras de Sarmiento, que desejaria sempre solenes, frias e disciplinadas, reverentes como, em seu pensar, exigiria o carácter das ciências que tratava.

Pois, minhas Senhoras e meus Senhores, foi exactamente esse tom, ou esse destoamento na prosa sarmentina, que desde moço a mim me interessou e, hoje, obscuro professor de Psicologia, com muito maior sedução me enredam.

É esse o motivo — relendo há tempos esta página de Leite de Vasconcelos — que me compele a apresentar-vos esta noite, para satisfazer pedido amabilíssimo do ilustre Presidente desta Edilidade, algumas impressivas e expressivas provas desse tom gracioso e familiar das Letras de Sarmiento, que não agradavam ao outro sábio de Lisboa, Letras que melhor que outras suas iluminam o curioso e delicado espírito do vimaranense insigne.

Todavia, Leite de Vasconcelos, expondo no seu «Archeologo Português» alguns trechos das cartas sarmentinhas que recebera, sempre diz:

«Os extractos que ofereço ao público, além dos factos que encerram para o conhecimento da vida científica de Martins Sarmiento, proporcionarão aos leitores algum agrado, devido à amenidade da linguagem».

Mas observa que deixa de parte tudo «o que não contiver interesse immediato». Quere dizer, aquilo que hoje mais me interessaria e a V. Ex.<sup>as</sup>. também...

Mas, felizmente, não ficou tudo nos gavetões de Leite de Vasconcelos, pois nestes parcos trechos epistolares de Sarmiento há que vos mostrar ainda alguma coisa.

Logo no primeiro escreve Sarmiento na sua linguagem peculiar:

«Se os nossos miseráveis governos dessem alguma importância às antiguidades e obrigassem os seus administradores e regedores (bastava isto) a fazer compreender ao Zé Povo que as antiguidades tinham uma importância real e verdadeira, juro, e até aposto, que o vandalismo que vai acabando com o que pode, cessaria.

Há dias me contaram uma coisa curiosa a respeito da «Porca de Murça». O animal mostra (isto em 1880) ainda restos de uma pintura vermelha.

Ah! bom! conta a tradição que em certos casos-crimes a mudança da cor da Porca dava sinal da ino-

cência ou da criminalidade do reu. De que tempos deve provir esta tradição, e que figura importantíssima não fez a bicha nos seus bons tempos».

Outra nota, ainda, sobre estátuas chamadas calaicas:

«Em Basto... fui encontrar outra... pintarolada e falsificada também, e, porque a cabeça não tem nada a ver com o busto primitivo e foi ajustada como pode ser ao tronco, entendo que não salvou a sua cabeça galega, mas que a perdeu há muitos séculos...»

A este modo de Sarmento escrever sobre coisas sérias é que Leite de Vasconcelos fez seu reparo incontido. Mas há alguém aí, que isto ouviu, que não tivesse percebido claramente o que Sarmento escreveu?

Apesar de não ter gostado, creio eu, de outro passo de um trecho epistolar de Sarmento, o Dr. Vasconcelos transcreve-o como segue:

«Não tinha tempo a perder para me ir chegando à Citânia e preparar a minha «exposição», na suposição de que os *sabichões* do Congresso a irão visitar».

Aquela palavra a substituir a de *sábios*, mais solene e cerimoniosa, teria engulhado seu tanto Leite de Vasconcelos que, nesse ano de 1901, já como tal se podia considerar.

No mesmo trecho, Sarmento não tem a certeza da visita dos tais *sabichões*, como dizia, à Citânia e explode:

«Se a visita à Citânia foi rebate falso, dou cavaco». Mas não foi rebate falso e o fruto viu-se.

Termina esta carta com cepticismo, que também não agradaria a Leite de Vasconcelos:

«Infelizmente o tempo foge depressa, e trabalha-se não sei para que e para quem».

Na carta imediata, vibra a tecla rústicamente popular:

«Estou às voltas com a Citânia e com os preparativos para receber os *sabichões*, porque parece fora de dúvida que os verá na minha montanha. Os deuses os trazem, se não-de adiantar alguma coisa».

Noutra epístola para o Dr. Vasconcelos alude, citando Soromenho, ao desvalor com que nos tratam os nossos compatriotas, ao contrário dos estrangeiros que nos dispensam «recompensa legítima»... E prossegue, desalentado:

«É uma verdade. Isto entre nós está a apodrecer cada vez mais nessa decomposição de vaidadezinhas e

invejas que metem engulho. Felizmente que pelos montes e à cata das velharias se anda longe desta podridão.»

Em outra carta, estas letras de Sarmiento, para nova inquietação de Vasconcelos:

«Apresento-lhe um Deus, até hoje desconhecido, do Panteão dos nossos antepassados. É o deus *Durbédicus*. Este *pobre diabo de deus* estava dentro da torre da igreja de Ronfe...»

Em outra carta lastima-se:

«A pena é não ter a gente botas de sete léguas».

E noutra epístola, mais uma amostra do seu prosar típico:

«Por aqui a fortuna na pesca de trutas e de antiguidades regula: pouca coisa. Umas seis mamôas que fui estripar lá para Pedralva não deram nada».

Quem nos diria que Martins Sarmiento alinhava com os pioneiros dos amadores da pesca fluvial a anzol! Alguém dele dissera, quando deixou a caça pela outra arte: «Agora prefere a mansidão dos regatos, onde pesca trutas com notável felicidade: é um amador exímio da pesca à linha...»

Quem isto revelou chamava-se Alberto Sampaio, outro notabilíssimo historiador de Guimarães. Mas é o próprio Sarmiento que assim se refere àquele desporto, em carta a Hübner, sobre certa letra de sua inscrição: «Fiquei de estudar o significado da sigla F, para quando acabasse de pescar as trutas do rio Âncora».

O espírito faceto de Sarmiento expolia-se por muitas outras formas, como aqui:

«Quando publicarei a obra sobre a Citânia? Ai! Não falemos por agora nisso. Eu conto morrer e voltar do outro mundo para executar esse trabalho. Neste pobre país tentativas desta ordem seriam uma loucura rematada, e eu não tenho jeito para namorar um editor estrangeiro».

Certas aras antigas afligiam-no, quanto à decifração do que diziam. A respeito de uma do Crasto, na lendária cidade de Pedrauca, escreve, com ousado simbolismo, que lhe tem «moído os ossos da paciência».

Com graça escreve ainda: «Ninguém me dá da deusa Nabía de Baltar, do deus de Idanha Velha, do deus de Ribeira de Pena outras informações senão que ninguém é capaz de os descobrir. Foram-se como o deus Pan.

Eu desejava dar-lhes um lugar no Museu de Guimarães para conversarem com outros colegas que lá estão — o Brico de Delães, por exemplo, o Durbedico de Ronfe...».

Em outro ponto, a respeito da leitura de certa palavra citaniense: «eu juro sobre os livros santos, genuínos e apócrifos, que a lição *Rectygenvs* é temerária demais. O que se há-de ler... só se alguma sibila me inspirasse, e essas fugiram para o Vaticano».

Noutra carta exprime-se destarte: «...obrigado pela notícia que deu do meu livrório. Como viu, sou impenitente e reincidi nas *heresias* passadas. Morrerei hereje, creio eu, e tenho de ir parar...»

Em carta a Hübner, solicitando umas palavras para crítica pública a uma obra de arqueólogo amigo, diz: «eu sei que pularia de contente se visse a sua obra apreciada por V. Ex.<sup>a</sup>». Se era, em seu entender, um acto de caridade de Hübner, não o foi menos este pedido de Sarmento ao sábio germânico. Reflexo apreciabilíssimo do seu alto espírito.

Quando um dia, em carta de 96, alude ao bracarense e arqueólogo Albano Belino, escreve: «O bom Belino continua a ser um furão de primeira ordem...». Logo outra nota explícita do psiquismo de Sarmento, esta de 97, a reportar-se a um erro seu, a propósito de certa inscrição vimaranense e confessando com graça não menos viva que a franqueza empregada: «Ainda estou meio embaçado com o demo de Procrísida. Lá me parecia o nome uma espécie de hermafrodita com uma terminação muito patusca; mas, como nem pela cabeça me passou que o *pro* podia ser uma preposição, lancei as anomalias à custa dos pedreiros de Creixomil, e asnei. Se tivesse prosápia-de epigrafista, ia-me enforçar: assim, limitar-me-ei a fazer penitência pública na primeira ocasião que se me ofereça, para evitar que a tolíce corra com o meu nome. É também embirrento que, só depois desta escorregadela e depois de ir examinar bem a pedra, etc. etc....».

Como acabam de ouvir, linguagem bem simples, rústica, minhota como a sua alma. É que exemplo de auto-crítica!

Como se ajustam a Sarmento aquelas palavras do grande Ramon y Cajal e insigne prémio Nobel, quando escrevia, a este respeito:

«Uma severa auto-crítica é o mais precioso dote do pensador. Nada de embriagar-se com o próprio vinho, bom ou mau. Nem imitemos a credulidade confiada da galinha que choca com a mesma formalidade um ovo fecundo como um ovo de mármore.»

\*

Ainda quanto à sua saúde, uma carta de 98 — um ano antes de morrer — tem esta nota já triste, amargura mascarada e adoçada em alguma graça, decepcionado e já prevenido da Morte:

«Se não tivesse os fígados arruinados e não estivesse valetudinário, como um soldado estropiado na África, iria espreitar umas poucas de inscrições e de ruínas, por essas terras de Trás-os-Montes...»

«...Já lá vai esse bom tempo em que eu corria montes e vales, sem medo do sol, nem da chuva. Agora, se vou aos montes do Gerez, é para pedir à fonte milagrosa que me dê alguns dias de saúde, e o resto do ano passo-o sentado numa cadeira, ou a dar passeios de lesma...»

E compara-se:

«Quando vejo o Pereira Caldas, com mais 15 anos do que eu, rijo, forte, quase sinto inveja. E aqui estou eu a jeremiar...».

Isto em 1898 e a menos de um ano de deixar este globo!...

Da sua aversão à ribalta do grande teatro do Mundo não faltam provas cabais. Em carta a Capela e a lembrar quanto lhe custara o preito público que os vimaranenses, em 9 de Março, foram, em chusma, patentear-lhe a Briteiros, escreveu:

«...tal é a minha repugnância de entrar no palco e de estar em cena que, se não fosse indecente, eu fugia para qualquer brenha, na véspera do dia 9 de Março. O que lá vai, lá vai. Mas sempre é bom desabafar, e é o que faço agora...».

Aí vos fica este franco passo do seu bem manifesto temperamento introvertido ou esquizotímico, como lhe chamamos em nossa gíria ou calão psicológico, quando se fala das entranhas profundas e seriíssimas da alma.

De outra vez, meses poucos antes de morrer, o grande senhor de Briteiros e da Arqueologia informa Hübner de nova doença:

«Parece que não estive em muito bons lençóis, com uma pneumonia que, por causa da simetria, foi dupla; mas pude resistir».

É, a bem poucos dias da morte, Sarmento já não gracejava, em carta ao Pe. Rafael Rodrigues, mas sem esquecer a faina arqueológica:

«Estou martirizado com dores, e não sei se lhe poderei dizer mais alguma coisa a respeito da nossa interessantíssima e obscura inscrição, que tanto desejava ver decifrada...»

Esse foi, como registou Mário Cardozo, o derradeiro problema que preocupava nessa leira científica o seu grande espírito, o espírito a quem outro dos grandes da Europa, Emílio Hübner, chamara, na memória latina que mandou da Suíça: INVESTIGATOR PRAECLARVS CITANIARVM e VIR PRAECLARVS NON TANTVM INTER CIVES SVOS SED APVD OMNIIVM GENTIVM HOMINES, preclaro varão não somente entre os seus concidadãos, mas junto dos homens de todos os povos.

É nessa memória lapidar latina que Hübner assim sintetiza a figura de Sarmento: fecundo cultor das musas e da História pátria, guia intrépido, bom e honesto, de fala elegante e graciosa, trato apazível e talentoso.

E mais gravava, em outro louvor latino endereçado a Pereira Caldas, que Sarmento foi, assim, companheiro de glória de um Schliemann e Humann, e de tantos outros, ingleses, franceses, italianos e espanhóis.

Este louvor, da pena de um cientista celeberrimo como Emílio Hübner, dispensa quaisquer outras palavras nossas.

E voltemos às cartas do sábio Martins Sarmento.

\*

Por 1896, a Capela, escrevia Sarmento, entre mais: «Para pagar qualquer livro espanhol é preciso recorrer a algum banco...».

E: «Os *sábios* não falarão do meu livreco, nem eu conto com isso. Se me vier alguma nova trepa, como a provocada pelos Argonautas, muito estimarei, por poder enganar algumas horas aborrecidas a debicar com aqueles sujeitos...

E aqui estou ao seu dispôr nesta tristonha terra.»

Ao Marquês de S. Holstein, sobre o clima das terras em que vivia:

«Por aqui também não faltou calor. Os «celtas» de Briteiros qualificavam-no de «burnaceira» — que é a expressão de desabafo contra a extrema elevação do termómetro. Agora por cá, e por lá de certo, as fadas devem ser melhores».

Alusão a certo comodismo de párocos, a quem solicitava ajuda:

«os reverendos respondem com o seu favorito: «non possumus...».

E a S. Holstein, em 1876, referentemente ao claustro onde assentou o museu:

«Agradeço a V. Ex.<sup>a</sup> muitíssimo a sua protecção ao castelo de S. Mamede e ao claustro dominico, para os quais pedi esmola. Enquanto o para-raios não vier, Deus favoreça o primeiro».

Em outro lugar:

«Eu, que sou quase leigo nestas matérias, mas que também tenho lido alguma coisa sobre as origens hispânicas, não tenho visto senão trevas».

Como chamava Sarmento aos restos cerâmicos que tanto amou:

«aparecem pedaços de cacos... Dir-se-ia que sobre o cadáver se deitou terra já misturada com aquela cacaria.»

Um exemplo da sua técnica arqueológica e paleontológica e a propósito de certo crânio que vira e resguardara numa sepultura esboroadada por vândalos do lugar, diz:

«Arranjei, como pude, uma «cataplasma» de bitume, para ver se os ossos se agarram a ele, e se algum Cuvier poderá reconstruir um dia esta cabeça».

E, ainda, com o seu jeito familiar de tratar os nossos semelhantes, mesmo já mortos:

«Já vê V. Ex.<sup>a</sup> que não posso dizer nada sobre a dolicocefalia ou braqui destes figurões... O figurão media até aos joelhos precisamente quatro palmos...».

\*

Em cartas ao P.<sup>e</sup> Pedrosa, escrevera Sarmento:

«O Pinho Leal, Vilhena Barbosa e não sei se alguém mais continuam a tolear vergonhosamente com as suas fantasias e, o que é pior, com o seu latim de Palito Métrico: *Vincit Viriato* — venceu Viriato! —».

«São, porém, tão raras a pessoas que tomam interesse pelas nossas velharias que, quando alguma se encontra, os maníacos não podem deixar de a martirizar com perguntas».

Agora, ácido, anti-académico, em outra epístola:

«O que é triste é que a nossa Academia Real das Ciências, em vez de encarregar um fotógrafo de coligir as inscrições que possuímos, se dê ao prazer único de não fazer nada.

Os seus sócios, de vez em quando, largam a escrever pedantemente sobre estas matérias, aceitando erros palmares e vulgarizando-os. Oh! reverendíssima reforma, quando chegarás tu às nossas associações pseudo-científicas.

Auto-crítica:

«Vejo que não conhece bem até onde chega a paixão dos Possidónios pelas cousas velhas... Já vê que caluniou o meu arqueologismo».

Evidencia o seu temperamento:

«Deixe-me dizer-lhe com a franqueza que usam os que não sacrificam na ara do Elogio mútuo...»

Outra nota do seu graciosismo epistolar, quanto à importância dada a certa lápide:

«Esta inscrição é uma das minhas glórias, porque veio estabelecer que a arqueologia pode também fazer abades», isto quanto à inscrição na Igreja de Rio Mau.

E exemplifica: «Imagine que o reitor de Rio-Mau, depois que eu copiei e decifrei a inscrição, a fez chegar às mãos do Arcebispo de Braga e que, em atenção à antiguidade da Igreja, revelada pela velha epígrafe, a reitoria foi elevada a abadia».

Ao mesmo Pedrosa, em 1887, escrevia:

«Não verei as velharias senão logo, porque agora estou embocetado».

Quanto à saúde ainda, segundo aquele dito, precária:

«A minha não tem sido grande coisa e estou morto por abalar para Briteiros, a ver se os ares da aldeia me põem fora uma estúpida bronquite que me tem moído todo o inverno».

As suas delicadas, mas populares desculpas:

«Está-me a parecer que o Deus Turiaco tinha a particularidade de soprar, sobre os que o contemplavam, o espírito dos grandes massadores. Certo é que volto à carga das estopadas...».

E estoutra, a completar considerações acerca de determinada letra de uma inscrição:

«Visto que o suspirado D não apareceu onde a gente o deseja, não havemos de querelar dele. Não querele de mim pelas maçadas que lhe dou e faça-me o mesmo, se para alguma cousa lhe prestar».

Exemplo de insistência e aferro a uma ideia:

«É inquestionável a deusa; mas eu tenho palpite de que não desapareceu e um dia vou a Baltar, para perder de todo a minha mania. Não pense mais nisso».

Noutro ponto, falando de pagamento de serviços:

«Será peta; mas eu lavo as mãos, afirmando-lhe que adoro as contas do Porto».

Tocando a compra de certos objectos arcaicos, exclama:

«Viva Deus!».

Expressão de apostolado arqueológico, a recomendar, para certa diligência, que se espere pelo regedor: «Há mesmo vantagem; porque eu palpito que, se ele faz parte de uma segunda missão arqueológica, fica com o vício no corpo e dá um Possidónio de *primo cartel*!».

E ainda diz, ao falar de um padrão de que alguns falavam sem certeza: «Oh! Grande regedor! se tu nos afuroasses este coelho!».

Quando se azedavam os ares necessários à Arqueologia, perante certo obstáculo burocrático:

«Se o director das Obras Públicas do Porto se fizer fino, diga-mo, que eu talvez arranje meio de o catequizar».

Outro exemplo de linguagem pouco do agrado de Leite de Vasconcelos:

«Dos crânios não ficou uma racha; mas, quando muito mais tarde lá fui esfossar com alguns amigos, ainda encontrámos alguns machados...».

A propósito de certas antiguidades de S. Tiago de Antas, escrevia em 1890:

«Como o abade é rico e instruído, tenho boas esperanças de ver ainda restaurado o miliário partido. Segundo pude inferir do palavreado é de Caracalá. O de Trajano, a que alude o Camilo, se não é o tal da parede, não sei qual possa ser. Infelizmente o Camilo não está agora para estas palestras. Pobre homem!».

Cremos que se referia a Camilo Castelo Branco, que vivia não longe de Antas.

Outro exemplo do seu gentil, embora popular jeito de gratidão:

«Mande-me as contas de tudo, sem falta de um chavo galego. As suas maçadas só posso pagar-lhas com sinceros agradecimentos e esses são de prata sem liga».

E outra graça, acerca de *tegulae*:

«Será muito bem vinda a telha. Não se dirá assim que temos «telha de menos».

Um dia, o mesmo Padre Pedrosa visitara-o, mas o criado de Sarmiento não o acompanhara à estação, pelo que escreve a desculpar-se:

«tive eu um ataque de zanga furiosa, quando soube... O demo do homem diz que não ouviu a recomendação... Virei-me contra minha mulher, por se esquecer de que à mesa se tinha já feito essa combinação...».

\*

Voltemos ao que escrevera a S. Holstein, em 1876. Sobre certo mal de Holstein, para que Sarmiento — que passara 3 meses com os mesmos padecimentos — dá a mesma receita que para eles lhe dera certo cirurgião de aldeia: «meio quarteirão de café sem açúcar, meio quarteirão de ácido cítrico; mistura-se e toma-se, quando a sezão principia. Para mim esta receita era como quem deitava água na fervura».

Aqui fica aos médicos do meu tempo esta simples, mirífica receita.

Ainda sobre a crasta dominicana:

«O claustro de S. Domingos escapa com certeza... eu farei bulha bastante para suster qualquer vândalo...»

Voltando a falar da Academia das Ciências, risca pesaroso:

«pelo que V. Ex.<sup>a</sup> me diz, a arqueologia tem pouco a esperar desta Associação».

Alude à organização de associações arqueológicas pelo país, mas sem centralização, pois esta começaria por pedir dinheiro àquelas; fala de muitos arqueólogos amadores no Minho: «para fazer entrar estes sujeitos na vida militante seria necessário não arripiar o seu amor de campanário e deixar para os seus ditos campanários a propriedade dos objectos descobertos. Obrigá-los a trabalhar para o rei da Prússia isso é o que ninguém conseguirá».

Psicologia e Arqueologia, juntas nestas poucas palavras...

Um conceito seu sobre a sua prezadíssima Citânia:

«a Citânia é curiosa pelo toско... de tudo e pela alta antiguidade que este toско revela».

Para Rocha Peixoto, do Porto, deixou em carta estas considerações, primeiramente sobre a xenofilia científica:

«indiferença nos ignorantes, indiferença nos *sábios*, que só tem olhos para o que vem lá de fora. Um país que se desnacionaliza por todas as formas e feitios, e que se despreza a si mesmo, o que é pior.»

Depois, sobre o panorama da cultura portuguesa e certas disposições educativas disciplinadoras, com desalento:

«A cabulogia recalcitou ao agulhão e isso era de esperar. Arranjar umas habilitações sem estudar foi sempre o ideal da nossa gente moça. Estudar e saber fica para os «mágicos» e não tenham eles bons compadres que, na concorrência aos empregos, verão passar-lhes adiante os ignorantes mais chapados.

No mundo intelectual, como no moral.

Eu estou a ver apandilhar-se todos os dias gente que parece ter-se arrependido de viver uns poucos de anos honradamente. *Comamus et bibamus, cras enim moriemur*. Só um cataclismo pode quebrar esta corrente de lodo, em que vamos arrastados»...

...«olhando para os livros que me cercam, sei onde hei-de refugiar-me...».

Isto em 1896.

Uma amostra do seu modo de convívio social:

«Eu, sinto-me bem, quando converso com pessoas que se interessam pelas minhas manias e quando revelam a lealdade, que nem em toda a gente se encontra...».

A doença ia-o minando, o clima amodorrava-o:

«O tempo vai muito estúpido, principalmente para mim, que suporto mal o frio e vim para aqui (*Briteiros*) a banhos de sol e ar puro. Calor é que eu sobretudo queria; mas, neste particular, a bancarrota é completa, nem os grilos cantam!» (2-6-1897).

«tive uma dessas macacoas, para que o Gerez foi inventado, e pouco mais fiz do que dormir — que é a minha desforra nestes casos. No dia 30 lá vou para a bica milagrosa...».

Uma nota sobre seus hábitos e convivência *etnográfica*:  
 «O meu jantar é patriarcal, até na hora, 2 para as 3. Se vierem num domingo teremos o espectáculo de alguns trovadores da terra, que costumam vir aqui dizer asneiras em verso, ao som da viola minhota».

A estas visitas aldeãs alude ainda:

«Na Póvoa de Varzim falaremos mais devagar e sem interrupção da música de Sande e cantadores de aldeia».

Suas joco-sérias considerações acerca dos próprios males prosseguem:

«No dia de Natal caiu sobre mim uma furiosa constipação. Aquartelou-se-me principalmente nos miolos, que vão sendo a minha parte fraca.».

E: «o que solenemente me aborrece é que esteja a servir de trambolho ao entusiasmo dos dois; mas diabo! passei admiravelmente o 7bro, 8bro, 9bro e quase todo o 10bro, e esqueci-me de que estas férias eram uma caçoada de Esculápio».

Depois:

«A minha demora na cama provocou a irritação intestinal, que conspirando com o fígado, é o meu incómodo a cotio; a irritação provocou-me um dilúvio de sangue, que me extenua e quando assim me vejo e olho para Sabroso considero-me uma verdadeira alma penada do que era não vai há oito anos».

E conclui, trágico e desanimado:

«aqui estou meio entrevado e a embrutecer como um cevado».

Sobre o seu escrito referente a Sabroso, diz a certo amigo e censor do mesmo:

«A coisa há-de ser insípida para a maioria dos leitores; anunciada como saborosa, vai-me deixar achatado. Veja lá se desanda o ponto deste rebuçado».

Sempre a mesma fluidez singela de linguagem e de expressão.

Da mesma correspondência com Capela, em 1896, mais uns passos de saboroso enleio.

Um deles alude a Albano Belino, cujas obras eu li pela primeira vez em casa de minha família vimaranense,

fronteira a esta Sociedade, livros onde pude ver as suas dedicatórias manuscritas a meu Pai:

«O Belino está furioso com o Sr.. Eu não sei se vali a alguma saraivada mais forte; mas o demo do homem não sabe fazer crítica senão com sedenhos. O seu ídolo foi dantes o Adolfo Coelho; mas a natureza deu-lhe este jeito de morder sempre e dar muitos tiros, para atrair a atenção do público.

É pena, porque tem uma actividade rara. Deixá-los lá. O decano e a sua legião fulminante hão-de dar-lhe ocasião de arrepear algumas vezes o cabelo.

O espectáculo será cómico para os que se riem dos arqueólogos; mas estes Coelhos assim o querem. Ainda se não desenganaram de que os sábios mais sábios não sabem nada».

Acerca de mesmo Belino e determinada obra sua, diz a Capela:

«Já lhe fui à mão por causa da criancice do Albano e Belino grifado em inscrições, que vem para o folheto puxadas pelas orelhas, e que se presta admiravelmente à troça. Aconselhe-o no mesmo sentido, porque o rapaz pode vir a dar alguma coisa».

E deu, na verdade, alguma coisa!

\*

Ainda acerca da sua teimosia arqueologia e referindo-se a uma estátua *calaica* de Briteiros, escreve que um pároco velho a mandou enterrar, «porque o povinho entendia que ela podia dar sol e chuva. Qualquer informação acerca do mono seria boa.

Saber do seu esconderijo seria mais que bom, porque, meu caro, ainda que eu tivesse de abalar o próprio rei, vê-lo-ia um dia no Museu de Guimarães».

Uma ou outra vez o seu íntegro modo de ser amolentava-se, ante uma desgraça ou um perigo. Assim é que, em outras linhas de carta a Capela, a propósito de um «empenho» ou *cunba* que fizera por certo examinando liceal (que passara, afinal, sem favor):

«A mim custa-me muito fazer pedidos a juizes de qualquer espécie, mas tal é o culto da empenhoca e às

vezes de tal farinha os empenhantes, que a gente não pode livrar-se deles».

A propósito, ainda, de estudantes e empenhos para exames, etc., escreveu Sarmento a Capela (1898), falando de certo recomendado que, pelo contrário, desejava mostrar o que valia. Por isso, Sarmento contentava-se em que o Capela o chamasse muitas vezes à lição. E comenta:

«No meu tempo isto era o verdadeiro melro branco; todos nós éramos melros pretos, que não perdíamos ocasião de *jogar de porta*. E assim saímos uns doutores duma ignorância insondável, o que não tirou que alguns deles chegassem a ministros. Se puder atender ao melro branco do meu empenho, muito obrigado».

O Gerez, nesse ano de 1897, fizera-lhe mal, consti-para-o, o que lhe acirrou «a eterna bronquite» e pô-lo em tal estado «que durante alguns dias só tinha vontade de dormir e mais nada»; e, em outro lugar: «apoderou-se de mim um tal sono, que mesmo agora estou a suspirar pela cama!», referindo-se à sua chegada à Póvoa de Varzim.

Ainda sobre Braga e seu esperado Museu, critica Sarmento:

«Muito boa terra, mas tem realmente uma gente muito pequena e levada da breca. Sempre assim a conheci».

Ainda em carta a Capela e a propósito de linguistas, escreve Sarmento em 1898, com carradas de razão: «quanto mais leio os linguistas modernos, mais às escuras fico. Os antigos eram empíricos, a mais não ser; os modernos querem fazer anatomia científica, mas a maior parte das vezes quebra-se-lhes o bisturi nas mãos».

Ao mesmo Rocha Peixoto, queixava-se também Sarmento da frágil saúde de que ia dispondo, agrilhetada a tantos trabalhos:

«Não posso com uma gata pelo rabo, nem tenho cabeça para nada».

Apesar disso, escrevendo de Guimarães, «de onde o diabo dos meus livros berram por mim, como eu por eles».

E volta ao Belino (1898):

«O Belino não morre por outra coisa que figurar em publicações, como a projectada».

A J. de Araújo (1878) responde, a certo pedido seu:  
«não tenho biografia que possa encher duas linhas e que valha a pena de encher uma».

Mas recorda: «quando tinha 22 anos publiquei um livro de versos, pouco mais ou menos abomináveis...»

E conclui por esta frase que é uma completíssima biografia, em sua impressionante modéstia: — «a minha única qualidade é ser honrado...»

E prossegue na sua própria história da vida:

«Se a Citânia me fez conhecido um pouco, juro aos Deuses que não foi para servir o meu país e a história dos celtiberos que comecei a fossar naquelas ruínas; foi simplesmente por não ter que fazer...»

Mais simples e justo:

«Não desespero da nossa gente. Creio que lá fora não são melhores que nós.»

Todavia, vai criticando, com não menos justeza ou justiça, que tudo é o mesmo, ao falar de ocupações de homens e mulheres no alto Minho, a propósito do que dizia Estrabão. O que viu a tal respeito prova influências ligúricas, mulheres a trabalhar, os homens trolhas, pedreiros, gatunos: «... a continuar esta anarquia, que nos dá pelo pescoço, os homens do Alto Minho largarão a trolha e a colher e voltarão às suas heróicas ocupações do tempo de Estrabão. Hão-de alegrar-se com isso os defensores da persistência das «raças», e eu também, se eles me poupam o celeiro e a adega».

Modesto, explica:

«os meus trabalhos de esfossador eram um mero enfado».

Mais algumas graciosas alusões a figuras de solene memória:

«Se a consciência me acusasse de ter atribuído o Estrabão a patranha que conta, ia já direito confessar-me ao Padre Bento, que é a pérola dos padres marmelos, em que abunda a minha terra.»

E: «Paulo Orósio, que não sei se seria padre menos marmelo que o tal Bento...»

\*

Passemos às suas epístolas para o grande Abade de Tagilde, (1894), a cuja memória neste momento — e sempre, deixo o mais rendido preito de respeitosa admiração.

Alusiva a certa rocha de cariz arqueológico, escreve-lhe:

«Se eu não estivesse como estou (parece que a desandar), já talvez tivesse montado na burra do meu feitor e ido esfossar debaixo do penedo...»

O seu amor arqueológico está aqui:

«Bendito seja Deus! se o ano continuar assim, deixar vir a Bancarrota. Primeiro a Arqueologia».

À pernicioso quadra de chuvas, às bagadas e alaga-deiras, assim se refere:

«Vou pedir ao pároco que peça a S. Romão para meter isto nos eixos, porque, não sei se sabe, o S. Romão, dá chuva, quanta se quer. Deve poder tirá-la também, se a lógica não falha».

A propósito de certo escrito do Abade—talvez o *Guimaraes e Santo António*, rogara Sarmento que lhe não traga desgostos. «Mas se Santo António nem pode ter mão nos seus devotos, é de recear que o não livre de alguma marrada. O melhor remédio é rir-se».

Intérmina graça arqueológica:

«Sempre seria bom perguntar ao latinista Pereira (*Prof. Pereira Caldas*) se Tamega é macho, se fêmea. Os Lígures de Briteiros têm-no por fêmea...». E:

«A saia... sim, dizia eu que a saia é fêmea do saio-*sagum-saga*. Pergunte ao José Leite. Era macho ou fêmea, segundo era trazido pelos homens ou pelas mulheres. Devia ser neutro, quando trazido pelas hermafroditas; mas ao certo não sei; estou um pouco torto com o decano, o único que me podia esclarecer». Alude ao mesmo Pereira Caldas, decano do Liceu de Braga.

Que escreveria aqui Sarmento, com o seu espirituoso estilo, ante as mini-saias de agora e os vestuários feminóides dos varões como tais baptizados?

Alusão a achados arqueológicos, por leigos no assunto:

«Já sabia do achado dos braceletes. Só os sapateiros é que tem destas fortunas. Quando vierem dias maiores, talvez vá praticar com o Sossoreta, se a varinha de condão se faz nas oficinas dos ourives da sola».

Ao saber de uma boa notícia de amigo arqueólogo, escreve jubilosamente:

«Vou logo beber à sua saúde uma dúzia de vezes, ainda que me emborrache».

Uma outra nota política, de envolta com a poeira dos séculos que ia sacudindo dos cacos e calhaus afeiçoados da Citânia e outros pousios do Homem arcaico:

«Pelo menos cheguemos nós à sua idade (*do Possidónio*) ainda que não seja senão para ver os pogrressistas outra vez no poleiro».

Da Póvoa, outra ainda:

«...nesta boa terra, onde o vento e o pó estão em plena ditadura. Qualquer destas coisas parece a pessoa do nosso Franco. Tão intolerável é isto que até os peixes fugiram.»

E uma ou outra ferroadada na pele dura da Medicina:

«sei que as Caldas da Saúde não deram nada à arqueologia. Que deem pelo menos saúde aos que lá vão deixar dinheiro».

Não sabemos porquê, ou não queremos saber, alude com acrimónia irónica, de novo, ao Belino:

«O único grande homem da moderna geração é o Belino. Por isso os de Braga o empalmaram, como já tinham empalmado o Barateiro e os Gomes da bolacha».

Seus desalentos ou suas descrenças estalam, aqui e ali, na letra de suas cartas. Nem a sua terra escapa, embora seja pouco sincero, ele que era tão honrado e justo. Desabafos! Assim:

«Guimarães está a morrer caquética e, segundo dá a entender o Baptista Leite (*Dr. António Baptista Leite de Faria?*), a peste não tardará a vaporar dos canos de despejo, cheios de coisas podres...

Estou em dúvida se também me naturalizarei braguês, e nesse caso há-de me dar uma carta de recomendação para o Machado» (*arqueólogo bracarense e linhagista Dr. José Machado*).

Sobre a sua saúde e condições de vida na sua defesa, deixa isto numa das cartas de 1898 ao mesmo Abade de Tagilde:

«Tenho medo do calor que me pelo e da mulher ainda mais, que está sempre à espreita das asneiras que faço, para sublinhar qualquer incómodo que elas possam parir».

Queixa-se, sabe Deus com que razão:

«Ando martirizado com umas dores, que não me deixam, nem de dia, nem de noite...».

E, noutro ponto:

«minha mulher também barometrizo a seu modo e diz que com este frio e vento as pneumonias são certas. Aqui está porque vivo no meu quarto, embrulhado em cobertores e a escrevinhar tiras de papel...».

Entretanto, «o museu progride na sua organinação a passo de lesma...».

Como ele, havia arqueólogos de exquisitas predilecções. De um, dizia ao Padre Brenha (1898):

«Hübner, que é capaz de preferir uma inscrição a um Perú».

E faz justiça à proibidade do germânico:

«o Hübner não deu no vinte; mas vale a pena fazer-lhe a vontade, porque não é desses pedantes que, para não dar a mão à palmatória, teimam na asneira». Mas, em outra carta a Araújo, escreve que a sua obra «pouco mais contém que absurdos,... graças às notícias que os nossos arqueólogos vulgarizaram, e que serviram de base às suas apreciações».

Insurge-se contra a centralização museológica lisboense. E clama:

«A mania do J. Leite em amontoar tudo nessa Lisboa precisa de correctivo; a de fazer dos outros jornalheiros do Museu lisboeta, essa pede cerquinho. Diga-lhe que o «Museu Brenha» não está para o aturar».

Outras notas autobiográficas, ao Abade de Tagilde:  
«o modo de açamar a maledicência é trabalhar com consciência...».

E: «Uma das coisas que não desculpo em ninguém, a começar por mim, é a falta de delicadeza».

Mais um descoroçoado queixume de Sarmento no santuário arqueológico:

«sou só: nesta excelente terra é escusado procurar auxiliar que se apaixone por cacos e objectos velhos, mesmo pintados».

E novamente tema de saúde própria, no que vai reconfortando outros doentes. Assim o faz em conselho a um seu amigo, que exemplifica em si mesmo:

«Não se entregue a imaginações fúnebres. Haverá 4 anos, andei com iguais apreensões, por ter um número extraordinário de pulsações num segundo, e que pulsações! Já andava a calcular em que mês e dia emigraria deste orbe terráqueo, quando a coisa passou como veio, e nem hoje me lembro de tal.

Espero viver, pelo menos, mais 100 anos, que eu desejo-lhe e comigo não falta quem. Falemos antes de cousas velhas».

A propósito da doença de um amigo:

«Se foi pela *influenza* que começou, não admira nada, porque foi também ela que me veio pôr o ponto no *i* da moléstia que trazia amuada e me tem dado que fazer.»

E depois:

«Não lhe respondi logo, poque tenho tido uns hóspedes que me tomaram tempo e hospedada nos miolos a mania de que vou marchando para uma anemia cerebral. Só esta me falta».

Fala de andar a corrigir provas de certa obra sua:  
«a coisa não marcha, largo o trabalho a cada passo.»

«Cuido que é por ser necessário pôr o cérebro de pousio. Qual! É *fraqueza da bola*. Mas deixemos estas lamúrias.»

Aludindo a certo mal semi-secreto que o não deixava sentar-se, escreve que:

«estou... sempre desconfiado de que *embruteço progressivamente*.

A minha *higiene cerebral* consiste em ler... romances.»

Com nova alusão à *gripe* ou *influenza*, escreve:

«Que se livre quanto antes dessa praga, que o nosso povo chama *florência*, são os meus desejos.

Já também conheço a tal *florência*, por meus pecados. Agasalhe-se bem e fuja dos médicos».

E vai vaticinando, a Capela:

«O saragoçano faz os seus prognósticos às quinzenas; eu também já prognostico que não posso estar fora da cama mais que quinze dias. E louvar a Deus!»

Referindo-se aos bracarenses, escreve em outra missiva:

«se eles tivessem a minha saúde, tomavam cola e estricnina, em vez de andarem à murraça. Ando moído, como se me batessem...»

«Como este mês é o dos meus anos, a *influenza* e as constipações tem-me honrado com a sua ausência.»

Numa carta a Martins Capela (1883) não é Sarmiento muito amável com os médicos, pelo que diz:

«Lá vai meio século para mim!»

e repara:

«Se os senhores médicos estudassem com mais atenção os seus doentes! Tome bem cautela com os médicos e com a saúde», isto a respeito da enfermidade de um seu amigo.

Quanto à falta de jornais portugueses da especialidade, alude ao único existente, o *Boletim dos Arquitectos e Engenheiros portugueses*. Mas,

«é como se o não houvesse. É caro, irregular na sua publicação e, salvo um ou outro artigo, dum fossilismo assustador».

E, ainda sobre o assunto:

«esta terra não é para nada. Tanto há que investigar, tanta coisa boa para publicar! E tanto dinheiro e tempo se emprega inútilmente.»

Em carta ao P.<sup>o</sup> Capela desafoga:

«Pena é que em cada concelho, pelo menos, não haja um trabalhador como V. Ex.<sup>a</sup>. Infelizmente, ninguém trata disto, e os poucos que cultivam a vinha preferem ler um livro no fundo do seu gabinete. É mais cómodo...»

Em outro ponto, confiado nas coisas do Céu:

«Este ano (1885) volto para Vizela e um dia hei-de ir espreitar aquele sítio, depois de fazer os responsos a Santo António».

Estímulos aos outros não faltaram. Aquele amigo assim escrevia:

«era indispensável encontrar um morgado muito rico que quisesse ser o Schlieman dessas regiões.

Quem sabe? Talvez ele apareça de repente, como os sapos, segundo a crença do povo. O meu amigo e o João de Vasconcelos a descobrir castros, e o nosso morgado a cavar neles, era um sonho de bor-racho.»

E o empurrão moral prossegue:

«se lhe continuar o gosto por estas coisas velhas e safadas, o Marco e Baião serão as terras mais bem estudadas do país. Os deuses o conservem e ao meu amigo em todo o fervor do culto...»

Rejubila com o aparecimento de mais um operário naquela lavra e diz ao amigo:

«venha ele e que a vinha da sagrada arqueologia tenha mais um trabalhador com fé, esperança e boas pernas.»

Como *hoje*, o *ontem* de Sarmento, quanto à escassez de estudiosos, fê-lo escrever primorosamente:

«Os grandes vadios e ricaços que passam a vida a não fazer nada ou a jogar a batota de toda

a casta, esses que tanto podiam fazer, nem sequer compreendem a utilidade destas indagações. Trabalham apenas aqueles que menos tempo disponível tem, e por fim estes trabalhadores isolados e sem um centro e um órgão que lhes dê publicidade, e sem um público que se interesse por eles, ficam quase nos limbos.»

A sua modéstia era evidente; como se colhe de certa epístola:

«Num cavaco epistolar que tive com o pobre Soromenho, dizia-lhe eu que me parecia com Sócrates numa coisa: em saber que não sabia nada. Deixe-me V. Ex.<sup>a</sup> repetir-lhe o meu mote. Assim fico à minha vontade.»

Modéstia nas tarefas. A propósito do *Colóquio* na Citânia (não se chamava ainda assim a coisas destas) explicava:

«o fim desta reunião é o interesse da arqueologia e a santa liberdade, a ausência de toda a etiqueta, que mais tolhe.

«para que os hóspedes entretenham a noite em alguma coisa, ofereço-lhes um chá em minha casa».

E esclarecia ele o P.<sup>a</sup> Caldas, quando o Possidónio queria propô-lo Sócio dos Arqueólogos, mas não lhe mandava umas fotografias que pedira para a inscrição protocolar:

«tenho melindre em fazer-lhe a remessa, que pode ser considerada como *reclame*. Embora o melindre possa ser alcunhado de exagerado e de equívoto, sigo a minha habitual linha de proceder...»

O mesmo alheamento por honrarias:

«a minha ambição é saber e os diplomas não dão, nem tiram ciência.

...«não quero senão andar de bem comigo e com a minha consciência importando-me muito pouco com as distinções que desgraçadamente entre nós se malbaratam espantosamente».

Simplicidade até na alcunha que dava aos seus estudos:

«mandei para a *Vida Moderna* umas lérias...»

Simplicidade em tudo, ele, fidalgo e rico. Ao falar de certa viagem arqueológica com um amigo, sossegava-o, quanto aos comerres:

«Veremos então as suas descobertas, que não são poucas, nem pequenas; mas, para não perdermos tempo nenhum, tem de dar-se ao trabalho de traçar o itinerário do primeiro dia, e de ter por certo que, pela minha parte, eu sustento-me com qualquer coisa em qualquer vendarola que encontrarmos pelo caminho, às horas em que nos chegar a vontade de comer.»

Entretanto, crente na verdade e na probidade do seu estudo, defendia-se enèrgicamente:

«Se a minha opinião é aguda, que lucro eu bulir com a dos outros? Se me pedirem razões, dá-las-ei, e tenho de mim para mim que as minhas razões são, pelo menos, tão boas, como as da opinião contrária.»

Franco, era orgulhoso disso. Dissera-o claro a um amigo:

«se lhe posso servir para alguma coisa... convencê-lo de que sou de uma sinceridade a toda a prova...»

Mas não perdoa faltas, nem aos grandes:

«O Hübner respondeu... mas só responde ao que lhe parece...»

E de outros, queixa-se e encaixa-se em sua prudente indiferença:

«Quanto aos sabichões estrangeiros... a maior parte deles tem o mau costume de não agradecer os livros que se lhes oferece. Eu já não faço caso dessas grosserias...

...De resto vou andando o meu caminho, sem me importar com *aquelas divindades.*»

Outro passo epistolar, a insistir no seu credo, com referências creio que a Hübner:

«Olhe que o homem não costuma esconder muito as verdades. A mim já me chamou *hereje* em letra redonda — o que não fez com que eu me não aferrasse cada vez mais à minha heresia, a qual consiste em fazer tal assoada aos Celtas que, se os não ponho fora da nossa terra, é porque mais não posso.»

E todos sabem quanto Sarmento se acoitava na tese da descendência portuguesa directamente dos Lusitanos; estes, por sua vez, dos Lígures, escudado no poema de Avieno. A tese, porém, entre tantas discordâncias e assentimentos de uns tantos, não foi ainda convincentemente destruída. E será difícil derrubá-la, penso eu!

A Oliveira Martins revela a mais impressionante face do seu temperamento e a rijeza da sua energia:

«Eu sou um minhoto na gema, e tenho nisso muita honra; adoro a sem-cerimónia, mas sou leal e delicado (excessivamente delicado talvez) e absolutamente incapaz de empregar as «ironias» que V. Ex.<sup>a</sup> me atribui e que, escumado o eufemismo, nada mais são que agressões pèrfidamente grosseiras e hipòcritamente malévolas. Isso não quer dizer que tenha bons figados e que, provocado, ponha grande dificuldade em jogar o murro com qualquer agressor.»

Com a educação em que timbrava o seu feitio, exprimi-se Sarmento em tom de graciosa franqueza que não excluía respeito, nem consideração, próprias de sua secular fidalguia.

Do ironismo de algumas de suas críticas, aí vai um trecho impressivo, a propósito de certas afirmações dum estudioso:

«Se eu tivesse a saúde antiga, ia falar com os homens, que ainda se lembram da estrada que levava para Roma. A gente daqueles sítios deve ter uma memória excepcional...»

E estoutro:

«Na *Vida Moderna*, do Porto, aparece uma maganão a falar duma inscrição de Santo Tirso e que nos daria notícia de um Silvano de tal, que «venceu Viriato». É uma patranha em 6.<sup>a</sup> ou 7.<sup>a</sup> mão.»

E a respeito de lhe não terem respondido a certa carta, clamava a Martins Capela:

«Parece que é moda esta sem cerimónia. Lamentarei se puz em torturas os seus génios justiceiros; mas, que quer, se vivemos num país de pedinchões?»

A propósito de erratas ou lapsos corrigidos em trabalhos publicados:

«Os que lidam com estas cousas não admirariam uma errata por semestre; mas a grande maioria costuma admirar estas cousas, mas para troçar os maníacos que tem um bocado de consciência.»

E não as poupa, nem aos bons eclesiásticos:

«O Padre Narciso é que se não porta muito bem. Fama de preguiçoso já a tem há muito e pelos modos não a quer perder».

Quando preparava a célebre reunião de arqueólogos e historiadores na Citânia, era prudente no conhecimento das vaidades respectivas. Quanto aos convites desejava saber como havia de endereçá-los e pede a Pereira Caldas que mande os nomes dos convidados, mais os «matadores» que eles não dispensam nos sobecritos, isto é, as honrarias que lhes adornavam a personalidade. Psicólogo...

«Aqueles demonicos bragueses andam sempre aos pontapés uns aos outros... aquilo é jeito da terra».

Do seu método pesquisativo, recomenda estes aforismos:

«É contar o que se vê. Já não é pequeno serviço».

«Antes quero fazer perguntas de mais, do que responder sem compreender».

A sua fé no saber popular arqueológico manifesta-se sem reboço e com razão. Por isso escreveu a certo amigo, o Dr. Carneiro, do Marco, ao falar-lhe de informadores aldeãos incultos:

«destes crendeiros é que eu tenho recebido as melhores notícias. Mesmo a sua mania de que tudo o que pertenceu aos mouros está cheio de ouro é, a meu ver, providencial, porque sem isso não se daria o facto que se dá hoje, a saber, que mesmo um qualquer sinal num penedo, às vezes num ermo e com valor arqueológico, nunca é desconhecido pelos vizinhos, nem confundido com coisas modernas...

É a tradição de pais a filhos que fez isto. Portanto, devancie o povo à vontade, mas vá-nos dizendo onde estão as coisas.»

Lisboa não lhe escapou também, quando aconselha a um amigo... (o que transcrevo com a devida vénia):

«Se fôr àquela cafraria elegante leve ácido fénico consigo.»

Sobretudo, não era para desânimos Martins Sarmiento. Ao falar de certas impertinências da crítica, dizia:

«Tudo isto era capaz de me fazer desgostar da veneranda arqueologia, se estas manias fossem das que se curam. Hei-de consultar sobre isto os dosimetristas»,

queria ele dizer, os médicos da Homeopatia que, ao tempo, gozava de fama singular...

Ainda sobre esta Sociedade, que se fundara então, e a respeito de livros oferecidos à sua casa:

«se a fortuna ajudasse todos os anos a biblioteca, como a ajudou este ano (era o de 1883), Guimarães viria dentro em pouco a possuir uma biblioteca de primeira ordem. Infelizmente o borda-de-água que tal predissesse enganava com toda a certeza.»

O que diria Sarmiento se contemplasse essas dezenas de milhar de volumes que recheiam opulentamente esta Casa? O saragoçano que imaginara é que se não enganou...

Ao entusiasmo de alguns acudia Sarmento com a delicada «água na fervura», como se lê aqui:

«Meu caro Amigo — Ainda não digeriu bem o primeiro regabofe arqueológico e já queria um segundo! Vamos de vagar. Toda a cavalaria do Marco deve estar estafada e não menos aqueles desgraçados que andaram com certos barrilinhos às costas, levando perus e salame para as casas dos moleiros. Uma verdadeira orgia! Descanse, que eu também descanso.

Pesco trutas e farejo pelas duas margens do Vizela o rasto de alguma moura, além das que já são minhas conhecidas. Nada. A última estava encantada (?) numa pedra que um lavrador atirou ao rio, da Ponte nova, e que viu assim desfeito o encanto... Foi a última moura de que tomei nota no meu canhenho»

Isto é de uma carta ao Dr. Carneiro, sem data.

Ao mesmo escreveria outra, que começava assim:

«Se eu não fosse incorruptível como os santos velhos, não resistiria à tentação com que me têm feito negaças as suas cartas; mas resisto, não tem dúvida que resisto...»

E confessa que a Arqueologia o tem posto de mau humor. Queixa-se de um lavrador que havendo autorizado certa escavação de Sarmento em terreno seu, agora se nega e «abana... as longas orelhas.»

E convida Barros Carneiro a vir a Guimarães: «iremos à Citânia, a Sabroso e a casco de rolhas, se nos lembrar.»

E a rememorar exuberantes comedorias em casa do amigo ou amigos, acima indicadas, escreve:

«Os meus ilustres companheiros de Arado, Santa Cruz, etc., não encontrarão em minha casa aquelas avalanches de peras, coelhos, carneiros, etc., que nós sabemos, mas é ter paciência.

...Viver anos e anos no Marco é anti-higiénico. Tomem ares, e ares afonsinos»

Referia-se Sarmento aos ares de Guimarães e a uma, por certo, retribuição de jantarada prometedora...

Em outra carta, termina dizendo:

«Espero a sua reposta, como os rapazes dos Reis.»

Na sua fonte de graça havia sempre, como tendes ouvido, tema e conteúdo bem portuguezes e bem minhos. Sabe-se quanto Sarmento dedilhou as cordas da Etnografia e da Mitologia, Ciências tão bem acasaladas com a Arqueologia.

Versava, de par com essa graça, coisas muito sérias, até de administração. Aí se revela jurista, pois era formado em Direito pela Universidade de Coimbra.

Assim é que diz a Capela:

«Pude arranjar com que passasse uma lei que permitisse às corporações como a Sociedade Martins Sarmento adquirir «bens de raiz» para fins puramente científicos. Sem isso, nem um triste penedo podia ter de seu a Sociedade...»

Como se vê, um sagaz pioneiro de instituições que hoje, felizmente, subvencionam e amparam a investigação cultural no nosso país. Outra, esta, das várias qualidades espirituais do insigníssimo arqueólogo. O fruto capitoso e bem maduro de todas essas precauções administrativas aqui está nesta já sumptuosa casa que ostenta orgulhosa e honrosíssimamente o seu nome.

E é, sem qualquer dúvida, um dos mais ricos, nobres e notáveis monumentos de Guimarães!

Foi acerca desta casa, em que estamos neste momento, que, no ano 1887, Sarmento explicou a Hübner:

«A Sociedade Martins Sarmento não é propriamente arqueológica. O seu fim é fomentar a instrução no Concelho de Guimarães. Tem, sim, uma secção arqueológica e um museu em princípio, que só de aqui a alguns meses pode ser organizado, porque só de aqui a alguns meses é que a Sociedade terá casa sua, que lhe dá o Governo.

Até hoje tem andando de casa em casa, mudando todos os anos a sua livraria, as suas antigualhas».

Confessava isto Sarmento há 80 anos precisos. A Casa fixou-se. Até há pouco, obras já de vulto a haviam

melhorado e ampliado. Hoje, é o que todos estais vendo... Governo, Município, benfeitores e sócios, rendimentos que ele mesmo lhe legou e, agora, a benemerência da mecénica Fundação Gulbenkian transformaram neste Palácio da Cultura vimaranense, uma, sem dúvida, officiosa, «Faculdade de Arqueologia.»

Como dissera Sarmiento a Hübner, o fim da Sociedade era o de fomentar a instrução no Concelho de Guimarães. Essa empresa não terminou: e se não atingiu o que por então se ambicionava e tanto era de louvar, não deixa de ser uma pioneira incontestável de todos os movimentos modernos da actividade estadual no campo da Educação.

Em suma, pioneira da Pedagogia nacional popular. Todavia, até onde vai hoje o que ela ensina, nesta particularíssima leira da Arqueologia, em todos os seus ramos, a transcender o concelho, a província, o país, para lá das fronteiras, com muita honra e glória, com seu magnífico correio-mor que é a «Revista de Guimarães» e o seu incomparável regente e feitor que é o ilustre arqueólogo Mário Cardozo?!

Se estas laudas epistolares servem ao conhecimento mais certo do espírito de Sarmiento, não menos ajudam a cimentar a história da sua vida social e científica. Ora em certa carta alude às obras no claustro do Museu, para instalar as «minhas velharias».

Calcularam-lhe a obra em quase 450 libras. E comenta: «mas os cálculos foram feitos com tal arte, que vim a gastar o dobro. Fiquei com a bolsa arrasada».

Mas há-de explicar-se que esse dinheiro o emprestou Sarmiento à Sociedade, que devia pagar-lho em prestações mensais. A Sociedade cumpria, mas o generoso credor logo entregava as respectivas quantias para aquisição de móveis para... a mesma Sociedade. E deu quitação aos devedores!

Ao relembrar-se e aplaudir-se hoje a dávida benemerentíssima da Fundação Gulbenkian creio que lhe fica ajustado este pequenino, enorme episódio da vida de Sarmiento.

E, com esta recordatória, a singular, quanto sarmentina figura do vosso e nosso Presidente desta Sociedade, o Coronel Mário Cardozo, nova alma desta Aca-

demia, seu inegalável reformador, póstumo discípulo brilhantíssimo\* de Martins Sarmiento e hoje mestre de todos nós!

\*

Endireitemos a vereda que seguíamos. Ainda como fragmento da História desta casa, lemos em uma carta que Sarmiento endereçou ao Dr. Barros Carneiro:

«Já montamos aqui (isto em 1885) o Museu de inscrições e de outras velharias. Fora as inscrições, tudo o mais é muito resumido, porque a casa não tem capacidade para nada...».

Assim começara então esta hoje magnífica casa, com capacidade para muito...

Em outro lugar, para o mesmo amigo, dizia Sarmiento:

«Recebi o seu presente... É deste modo que conseguimos arranjar um Museu, digno de ver-se»...

«tenho o descaramento de confessar que espero mais, muito mais, tanto do meu amigo como do Vasconcelos, como de todo o Mundo».

\*

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Aí fica, por muitas palavras de Sarmiento, seu auto-retrato espiritual e que pode delinear-se claramente:

Honesto, severo, insistente na verdade e na justiça, com seu tanto de orgulho fidalgo transbordante na expressão de seus sentimentos, como nas suas afirmações científicas; delicado, quase feminino na polidez; liberal, franco, rudemente franco quando se lhe opunha insciência, ignorância, disfarce, má fé ou mal-querença

quanto ao seu saber de experiência feito; melindroso, cru julgador de si próprio, pontual, reivindicante do que julgava ser o bem, o verdadeiro e o justo; intolerante com o erro e o fingimento; tímido e cortês em suma, homem de um só parecer...

Mèdicamente, ainda, seu tanto hipocondríaco, não distante da neurastenia, que a solidão em que se embrenhava vincou e estimulou. Mas nada disto o impediu de derramar luz a jorros por essas ruínas e lugares mortos que foram lares e foram família e foram pátria de nossos venerandos e velhíssimos avós, ruínas tristes por onde distraía serenamente a sua solidude e a sua fecunda introversão.

Assim, o insígne vimaranense alça-se a nossos olhos portugueses aos visos de um patriotismo plácido, consciente e desinteressado, a lembrar-nos o que escreveu ou ensinou um dia o eminente sábio espanhol Ramón y Cajal:

«Há tres classes de políticos: os que enaltecem a Pátria, os que a servem e os que a exploram».

Onde o grande espanhol diz *políticos*, ponhamos nós, apenas, *cidadãos*: Sarmiento foi, assim, dos que felizmente só enaltecem e servem a Pátria.

Escrevera nesse mesmo livrinho Cajal, referindo a impossibilidade de se poder ver na fisionomia dos homens o reflexo dos seus talentos, das suas obras ou das suas descobertas (21):

«Já o dissera o sublime Jesus: só há uma regra segura para julgar os homens: o fruto».

\*

Ilustríssimo Sr. Presidente Coronel Mário Cardozo,  
Minhas Senhoras e meus Senhores:

Em nossa multitudada e extraordinária Confraria da Medicina existe, de há muito, um método ou processo terapêutico baseado na divina arte da Música.

Chama-se-lhe, como sabeis, a *meloterapia* ou *meloterapêutica*. Os antigos conheciam empiricamente o processo. Lá está na Bíblia o caso do celebérrimo Rei Saúl, que amolecia os seus acessos doentios do espírito com a doçura da Música, que o amigo David dedilhava em sua harpa maviosa.

Isto o lembramos agora, nestes instantes em que cerro a palestra pedida e tão mal satisfeita, para comparar o que vai agora passar-se aqui, a audição da música de um excelente mestre antigo, tangida por distintíssimas artistas que todos bem conhecem.

Desta feita e deste jeito vos curareis, Minhas Senhoras e meus Senhores, do terrível acesso de mortificadora angústia e peso que as minhas palavras vos causaram no espírito.

Será, assim e por certo, uma cura melódica completa, a de V. Ex.<sup>as</sup> e também a minha!

Todos os louvores e aplausos se lhes devem, aos preclaros artistas: guardemo-los, pois, para esse magnífico «Trio Portugália».

E, por meu lado, peço humildemente perdão aos seus excelentes executantes por, assim, os ter transformado, sem tal esperarem, em *médicos à força* destes desventurados e benaventurados ouvintes que tão doentes ficaram por me escutarem!

Disse

As últimas palavras do orador foram acolhidas com uma demorada salva de palmas, que traduziam bem a grande satisfação do auditório pela bela Conferência que o ilustre Professor da Universidade do Porto acabava de proferir.

Após um breve intervalo, seguiu-se o Concerto de Música de Câmara, no qual as Senhoras Moreiras de Sá e o violinista Haydn Beck, magistras interpretas de Schubert, puzeram todo o seu maravilhoso virtuosismo, eviden-

ciando mais uma vez as suas excepcionais e consagradas qualidades de executantes primorosos. No final do Concerto, atentamente escutado pela assistência, o «Trio Portugália» foi vibrantemente aplaudido e chamado à Sala várias vezes, sendo entregues às Senhoras D. Helena e D. Madalena lindos *bouquets* de rosas.

M. C.



*O edifício da Sociedade Martins Sarmento festivamente iluminado na noite de 17 de Junho de 1967.*